



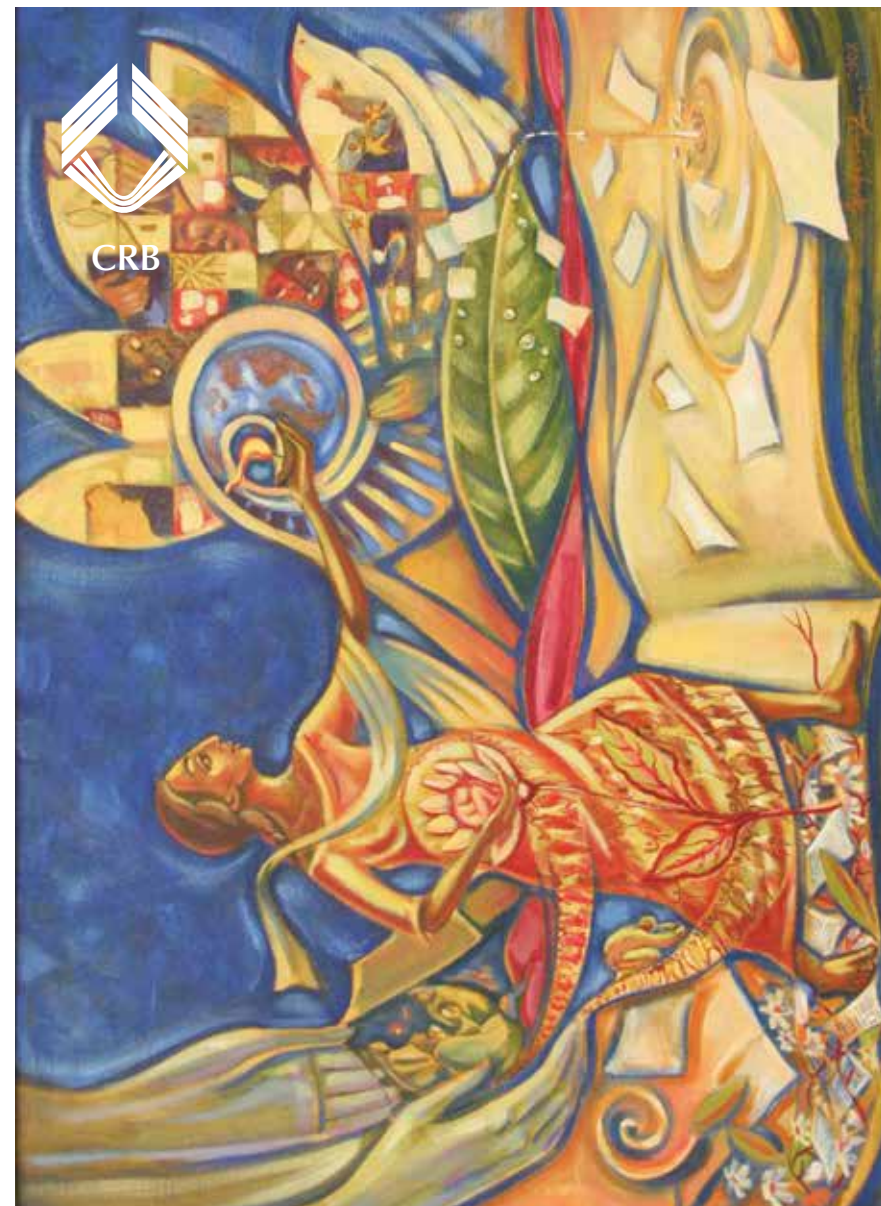
## Quadro Programático da CRB 2007-2010

### HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

### PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.



- Eucaristia e Vida Consagrada
- O seguimento de Jesus Cristo na “Pós-Modernidade”
- Olhando para Jesus: aspectos antropológicos
- A Vida Religiosa Inserida no mundo afro

## Sumário

### Editorial

“Até aqui o Senhor nos socorreu” (1Sm 7,12)..... 353

### Informes

Haiti: “Gente sofrida, onde a esperança insiste em germinar...”..... 356

Entrevista com Auguste Dufraine, do Haiti..... 358

De olhos fixos em Jesus. A caminho da XXII Assembleia Geral Eletiva ..... 361

### Palavra da Igreja

III Congresso Vocacional do Brasil ..... 363

### Artigos

Eucaristia e Vida Consagrada

JUAN A. RUIZ DE GOPEGUI ..... 369

O seguimento de Jesus Cristo na “Pós-Modernidade”

PAULO ROBERTO GOMES ..... 386

Olhando para Jesus: aspectos antropológicos

PAULO DULLIUS ..... 396

A Vida Religiosa Inserida no mundo afro

JEAN-HÉRICH JASMIN ..... 402



**CONVERGÊNCIA**

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

#### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

#### REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz  
MTb 8105

#### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

*Coordenadora:*

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

*Conselho editorial:*

Ir. Helena Teresinha Rech, stt

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitorio, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas

do PDF sob o n. P. 209/73

*Projeto gráfico:*

Manuel Rebelato Miramontes

*Revisão:*

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

*Impressão:*

Gráfica de Paulinas Editora

*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

**Assinatura anual para 2010:** Brasil: R\$ 84,00  
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)  
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

## CRB NACIONAL

### XXII ASSEMBLÉIA GERAL ELETIVA

## Vida Religiosa Consagrada no contexto plural:

### IDENTIDADE

### RELAÇÕES

### PAIXÃO PELO REINO

(cf. Lc 4,16-20)

### DE OLHOS FIXOS EM JESUS

(cf. Hb 12,1-3)

# CRB

19 a 22 de julho de 2010

Escola Paroquial Santo Antônio

SGAS 911 Módulo B, 70390-110 – Brasília/DF

Maiores informações: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

## “Até aqui o Senhor nos socorreu” (1Sm 7,12)

353

EDITORIAL

O mês de junho marca a metade do ano. É interessante dar-mo-nos conta dessa realidade em meio ao ritmo alucinado de tantas atividades previstas numa agenda preestabelecida e, ao mesmo tempo, dar cobertura aos possíveis imprevistos. É importante, no entanto, em meio a esse torvelinho envolvente, mantermos os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,2), que se manifesta a nós na vida cotidiana.

Alguns eventos de grande porte atraem nossa atenção como Igreja e como Vida Religiosa: o XVI Congresso Eucarístico Nacional ainda ecoa forte com seus lampejos de luz e a solidez que nos vêm de Jesus feito alimento para dar substância à nossa luta diária; a XXII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, desde o ano passado, tem ocupado grande parte de nossas reflexões e estudos no intuito de nos oferecer novas perspectivas de mística e de missão. Por fim, o III Congresso Vocacional do Brasil, com o lema “Ide, pois, fazer discípulos entre as nações”,<sup>1</sup> para nos manter alertas, a fim de não deixarmos cair no esquecimento a Conferência de Aparecida.

Essa ordem de Jesus, transmitida a nós pela comunidade de Mateus, está inserida no contexto pascal, ou melhor, segundo Mateus, é a última manifestação de Jesus em sua vida terrena. Não podemos esquecer que o ciclo pascal de Jesus se abre na ceia compartilhada com seus amigos, durante a qual ele se entrega como alimento no pão e no vinho, o que para nós, hoje, é a Eucaristia.

Ao escrever sobre “Eucaristia e Vida Consagrada”, Padre Juan A. Ruiz de Gopegui, sj, nos traz uma reflexão sobre este mistério que testemunhamos na experiência que faze-

1. Mt 28,19.

mos do nosso encontro com o Ressuscitado. A presença real de Jesus na Eucaristia “é reconhecida pela fé como dom do Espírito”, escreve o autor. Não é apenas fazer memória do que ele disse outrora:

“Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”. É escutar na fé a voz do Senhor dirigindo essas palavras à assembleia reunida em seu nome e “encontrar descanso para nossas vidas” no agora da celebração. O moralismo, tão frequente na pregação, deseduca o povo e se erige em obstáculo ao reconhecimento da presença do Senhor na sua Palavra.

A celebração da Eucaristia, do modo como está configurada, abre-nos espaço para, através da memória do mistério pascal de Cristo, fazer memória de nossa vida com tudo o que a contextualiza. Se pela Eucaristia o Filho de Deus encontrou uma forma de perpetuar sua presença real no mundo, é nela que a Vida Religiosa Consagrada deve buscar a dinamização para “O seguimento de Jesus Cristo na ‘Pós-Modernidade’”. É assim que entende Padre Paulo Roberto Gomes, msc, no artigo em que nos propõe “quatro pontos para reflexão: voltar ao específico da VRC, desenvolver cada vez mais uma espiritualidade encarnada e integradora, exercer a diaconia (serviço) do lava-pés que brota da Eucaristia e ser manifestação da parábola Jesus”. Padre Paulo destaca que

precisamos ser portadores de uma imagem divina o mais próxima possível daquela revelada por Jesus de Nazaré: um Deus misericordioso e compassivo, carinhoso, terno, amigo, companheiro dos pobres e pecadores, próximo e apaixonado por nós, cuja preocupação é a realização humana e o desenvolvimento de nossas potencialidades.

Mas isto só será possível se mantivermos os olhos fixos em Jesus. Ultrapassando quanto nos é possível captar com os sentimentos, Irmão Paulo Dullius, fsc, nos provoca a uma análise dos “aspectos antropológicos” do que significa olhar para Jesus. Nossa maneira de olhar varia de acordo

com o objeto que miramos. Nossos sentimentos se revelam em nossa maneira de olhar. Segundo Irmão Paulo, “nossos olhos refletem nosso interior”, e traz para nossa reflexão a importância de humanizar nossos olhares.

Esse nosso modo de olhar diferenciado pode revelar o quanto somos condicionados em nossa maneira de acolher e respeitar expressões de vida que diferem da nossa. É sobre essa capacidade de olhar acolhedor que Padre Jean-Hérich Jasmin, omi, nos convida a tomar consciência quando escreve sobre “A Vida Religiosa Inserida no mundo afro”.

A consciência religiosa diferenciada só está ao alcance de uma Vida Religiosa místico-profética que favorece um pluralismo na expressão de uma mesma opção fundamental e uma compreensão de que a multiplicidade não é uma barreira para que uma mesma fé seja expressada.

Jesus de Nazaré era um judeu praticante, mas precisou romper, sobretudo, com as tradições “criadas” pelas autoridades religiosas de seu tempo, que oprimiam as pessoas, para poder corresponder com autenticidade ao projeto de um novo reino que lhe cabia instalar no mundo para “fazer novas todas as coisas”. Padre Jasmin afirma: “O que sonhamos no âmbito da Vida Religiosa latino-americana e caribenha é construir um modelo de sociedade onde se valorizem a diversidade e o respeito à vida e aos direitos dos povos. É um trabalho difícil, porém não impossível”.

Essa teia de reflexões, aparentemente desconectadas, faz sentido se considerarmos que para uma ampla diversidade de situações a enfrentar cabe também uma correspondente diversidade de estratégias que nos favorecerão enfrentá-las.

E do mesmo modo como o Senhor, a quem seguimos e servimos, nos acompanha e clareia a trajetória a ser percorrida, seremos, também nós, em nossas comunidades e missão, significativos instrumentos a impulsionar para o alcance da meta desejada, “de olhos fixos em Jesus”, pois, se ele “nos socorreu até aqui”, vale a pena que continuemos firmes “na mesma direção”.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

## Haiti: “Gente sofrida, onde a esperança insiste em germinar...”

Início esta partilha com as palavras de um jovem haitiano, estudante do segundo ano de Teologia, que perdeu dez de seus colegas no terremoto de 12 de janeiro. Ficou quinze horas debaixo dos escombros, teve uma de suas pernas amputadas e falou sobre sua experiência pela primeira vez depois de três meses do terremoto. Ele diz: “Quando alguém me fala de dor ou sofrimento, posso compreender, eu conheço o sofrimento”.

As palavras e a experiência desse jovem me remetem ao texto do Evangelho de Marcos, onde Jesus vê uma grande multidão e tem *compaixão*, pois estavam como ovelhas sem pastor (cf. Mc 6,34a). Assim a Equipe enviada pelo Conselho Missionário Nacional (Comina), formada por Irmã Geni Camargo, presidente da CRB Regional São Paulo, por Padre José Altevir, secretário do Comina-CNBB e eu contemplamos aquelas pessoas nas cidades do Haiti que foram visitadas por nós.

Nossa visita durou doze dias em vista da articulação do envio de uma Comunidade Intercongregacional através do Projeto Missionário Solidário da Igreja do Brasil, que neste momento difícil do povo haitiano quer ser uma presença irmã, solidária, acolhedora e evangélica. Afirmo-lhes que é impossível tocar aquele chão sem participar da dor e do sofrimento daquele povo.

Historicamente, sabemos da resistência, das lutas, da situação de abandono que já viviam. Os segundos calculados do terrível terremoto foram suficientes para acrescentar dor e sofrimento na vida dessa gente. É escandalosa e clama aos céus a situação que vive nesse momento o povo do Haiti.

Toda a cidade de Porto Príncipe, mais as cidades de Leogne e Jacmel, visitadas por nós, ainda estão praticamente do jeito que o terremoto deixou. Um cenário difícil de descrever e esquecer. Os haitianos que sobreviveram, além da dor pelas perdas, alguns de tudo (família, casa, documentos e outros), continuam obrigados a conviver com as disputas por território de mais de três mil ONGs e com os escombros, a poeira, a sujeira, o descaso, a paralisia social e política numa situação de indignação.

Depois de tudo o que vi e ouvi no Haiti, afirmo-lhes que, como cristãos, Vida Religiosa, não podemos deixar o ocorrido cair na letargia, no esquecimento, ou nos acostumar com essa situação.

No momento em que nossa Conferência se prepara para realizar sua XXII AGE, o “olhar fixo em Jesus” se completa, então, no “olhar fixo” numa parcela da humanidade que vive em condições sub-humanas, e nela está o povo haitiano.

Ao fazermos a experiência de celebrar a Semana Santa *junto* a esse povo, atrevo-me a dizer que “atravessamos a noite escura da injustiça”. A situação de extrema pobreza do povo haitiano é por demais amarga! O cansaço, a covardia e até mesmo o desfalecer de muitas lideranças, a voracidade dos lobos, a ausência de sentido pela vida, as forças do atraso, a repressão, a *vida* vilipendiada em todas as suas formas, a Vida carente de Vida, clama por aquele que é a *Vida*.

Há uma cruz dolorosa e persistente que pesa sobre essa gente. Constatamos uma vez mais que, no meio dos pobres, a morte é precoce, injusta e companheira de todos os dias para muitas daquelas famílias.

Concluo dizendo que acredito na potência transformadora e libertadora do Evangelho e do povo haitiano, que, mesmo diante de toda esta situação, cultiva a alegria entre tanta tristeza e desilusão. Partiremos em um futuro próximo para o Haiti, como Igreja do Brasil.

Contamos com a oração, o apoio e a solidariedade para a nova Comunidade Intercongregacional que lá formaremos.

IRMÃ ANTONIA MENDES GOMES, NDC

Assessora Executiva Nacional

Projeto Missão

## Entrevista com Auguste Dufraîne, do Haiti\*

De 19 a 24 de março o presidente da Conferência dos Religiosos do Haiti, Auguste Dufraîne, esteve em Brasília, onde participou de uma reunião com religiosos representantes de 22 países da América Latina e do Caribe. Em entrevista à assessora da CRB Nacional para Comunicações, Dufraîne nos coloca a par de alguns desafios da Vida Religiosa haitiana nestes tempos pós-terremoto.

**CRB:** Ouvimos dizer que a Conferência dos Religiosos do Haiti perdeu muitos religiosos no terremoto de janeiro. Poderia falar sobre isso?

**Dufraîne:** Sim. Os religiosos que estavam no centro de formação foram as primeiras vítimas. Ali também se encontrava a Dra. Zilda Arns. No dia seguinte, soubemos de outras Congregações que perderam seus religiosos. Ao todo foram cinquenta religiosos mortos e quarenta que ficaram gravemente feridos.

**CRB:** Como presidente da Conferência dos Religiosos do Haiti, como foi para o senhor viver a experiência de perder tantos religiosos?

**Dufraîne:** Quando escutei a notícia, não pude me conter, fiquei perplexo. Também com o desmoronamento da Casa Provincial. Dois irmãos que lá viviam comigo morreram. O que foi uma grande surpresa para nós foi o fato de as casas mais fortes terem caído.

**CRB:** Depois do terremoto, os religiosos que sobreviveram buscavam ajudar as vítimas. Como? Eles também precisavam de ajuda!

**Dufraîne:** Dois grandes desafios para nós: buscar as pessoas que estavam debaixo dos escombros e acolher os vizi-

\* Entrevista concedida a Irmã Rosa Maria Martins Silva, religiosa scalabriniana, assessora executiva da CRB Nacional para Comunicações. Intérprete: Pierre Jubinville, religioso canadense, membro da Congregação do Espírito Santo. Reside no Paraguai desde 1991. Atualmente, atua na formação e administração de sua Congregação.

nhos, pois precisavam de ajuda. Naquela comunidade, os religiosos se dividiram em grupos, repartindo as tarefas: uns buscavam ajuda junto aos organismos, outros atendiam os feridos, outros recolhiam os mortos. A Conferência se reuniu e buscava maneiras de ajudar os outros e não ficar lamentando as perdas. Como o arcebispo de Porto Príncipe morreu, a Nunciatura Apostólica nos prestou grande ajuda. Entrou em contato com a Cáritas e o “Catholic Service of United States”, que nos trouxeram comida, água e tendas. Mas tudo isso ainda é muito pouco. Precisamos de muito mais.

**CRB:** Onde estão os religiosos (padres, freiras, seminaristas) feridos?

**Dufraîne:** A maioria dos religiosos feridos foi transferida para a República Dominicana. Os religiosos de lá os acolheram muito bem em suas casas.

**CRB:** Como o senhor pensa a reconstrução da Vida Religiosa no Haiti?

**Dufraîne:** O Conselho Diretor se reuniu e, refletindo, chegou à conclusão de que é preciso primeiro uma reconstrução psicossocial dos religiosos e do povo. Foi formada uma comissão para pensar a Vida Religiosa depois do terremoto, e a primeira atividade foi uma missa e uma partilha em grupo para fazer memória desse trágico acontecimento. A ideia é viver o terremoto como uma páscoa para o povo e com o povo. Na Semana Santa se fará uma via-sacra e, depois da Páscoa, o caminho de Emaús. Foi formada uma comissão para reconstrução da Vida Religiosa em conjunto, de forma que as Congregações serão solidárias umas com as outras, não pensando só em si, mas ajudando outras a reconstruir suas casas. É um momento de solidariedade. Há Instituições que não são de cunho internacional, só tinham casa no Haiti e perderam tudo.

**CRB:** Um fato que chamou a atenção foi a cruz que ficou em pé em meio aos escombros da catedral. Os brasileiros fizeram várias leituras. Como o senhor interpreta esse fato?

**Dufraîne:** Várias cruzes, de várias igrejas, permaneceram de pé no Haiti. Leio que, em meio às ruínas, ao sofrimento, Deus sofredor está sofrendo com seu povo. Não é um Deus que castiga seu povo por praticar o *vudu*. Esta ideia já está

descartada. O terremoto é um sinal forte de que a natureza está buscando o equilíbrio. Deus não é responsável pelas vítimas, mas está lá para ajudar o povo a se levantar.

**CRB:** A Conferência dos Religiosos do Brasil e a Cáritas planejam realizar um trabalho no Haiti junto às crianças mutiladas. O que o senhor pensa disso?

**Dufraîne:** A opção pela criança: a razão da presença da Dra. Zilda. Essa opção é mais importante agora depois do terremoto.

**CRB:** As crianças, onde estão?

**Dufraîne:** A maioria está nas tendas, com os religiosos. Elas ainda não podem ir para a escola, mas saem à rua, brincam, jogam e são uma fonte de alegria para o povo. Ficaram hipersensíveis, porque traumatizadas com o terremoto. Quando ouvem algum ruído de carro, já pensam que vem outro tremor. Após o terremoto, elas não conseguiam sair nem brincar, nem falar comumente, de tão traumatizadas e apavoradas que estavam.

**CRB:** E os jovens?

**Dufraîne:** O grupo mais sofrido é o da juventude, pela dor da perda. Num encontro convocado pela Instituição/universidade, a alegria era imensa por encontrar colegas vivos. O pesadelo que vivem é o de não saberem quando recomeçarão as aulas.

**CRB:** Sobre a sua participação neste encontro da Conferência Latino-americana e Caribenha aqui no Brasil...

**Dufraîne:** Para nós é uma oportunidade para agradecer à CLAR a solidariedade. Tivemos dúvidas sobre a participação neste evento, mas depois concluímos que era importante vir e dizer que a vida continua e que o terremoto não destruiu tudo.

## De olhos fixos em Jesus. A caminho da XXII Assembleia Geral Eletiva

A XXII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, mais que um momento de eleição da nova Diretoria, quer ser uma oportunidade para ajudar a Vida Religiosa Consagrada a fortalecer sua missão e identidade próprias como Conferência, como Instituição e como consagrados(as) atuantes no contexto sociocultural, político e religioso que caracteriza a atual conjuntura brasileira.

Inserida numa realidade plural, onde a exclusão social, o empobrecimento, a negação das diferenças e a injustiça falam mais alto, a Vida Religiosa é convocada a fazer a diferença contribuindo com o emergir da solidariedade, da justiça, do respeito pelo desigual, com “atitude” profética, apaixonada e apaixonante pelo Reino de Deus, a fim de salvaguardar a dignidade humana.

Por essa razão a CRB Nacional propõe uma forma de envolver toda a Vida Religiosa do Brasil no contexto de preparação da XXII Assembleia, para, a partir de uma reflexão bíblica, teológica e psicológica, realçar elementos peculiares da identidade e da missão dos(as) religiosos(as) na Igreja e na sociedade.

E é nesse sentido que, em continuidade ao caminho já iniciado na XXI Assembleia, que teve como lema “Diga a esta geração: avance”, propõe a perspectiva de um “avançar” que vai mais além. “Avançar não em qualquer direção. Avançar de olhos fixos em Jesus, apesar das dificuldades, apesar do contrário que possa haver” (Padre Geraldo Kolling, sj).

De maneira especial, a CRB contempla a Vida Religiosa jovem, que, mais que o futuro, faz acontecer o “agora” do seguimento de Jesus. O tema foi lançado na internet, para que todos possam participar de maneira ativa e efetiva, oferecendo à CRB horizontes e prioridades para o próximo triênio, a partir do seu modo de pensar Vida Religiosa hoje.

Os conteúdos propostos na publicação *A caminho da XXII AGE* querem ser um estímulo para que a Vida Religiosa, de olhos fixos em Jesus, avance além, fazendo isso através da sementeira da Palavra cultivada com a dor, com o sangue de nossos mártires, mortos ou vivos, com a luta, as lágrimas, alegrias e esperanças daqueles que acreditam que um outro mundo é possível. Caminhar assim também é fazer memória da presença do Verbo encarnado nesta terra de Santa Cruz, em vista de uma Páscoa contínua, sem fim.

Dentre outros temas contidos no documento de reflexão, podemos citar: de olhos fixos em Jesus, pluralismo hoje, o poder na Vida Religiosa, o humano na vida fraterna. O material poderá ser adquirido na CRB Nacional, nas Regionais e nos blogs elaborados para o noviciado e o juniorado.

IRMÃ ROSA MARIA MARTINS SILVA, mscs  
Assessora Executiva para as Comunicações

## III Congresso Vocacional do Brasil

Tema: “Discípulos-missionários a serviço das vocações”  
Lema: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”  
(cf. Mt 28,19)

Indaiatuba, Itaici, 3 a 7 de setembro de 2010

ÂNGELO ADEMIR MEZZARI, RCJ\*

### *III Congresso Vocacional do Brasil, mas por quê?*

Esta é a pergunta que fazemos neste tempo em que se divulga e se organiza o III Congresso Vocacional do Brasil, a ser realizado de 3 a 7 de setembro de 2010, em Itaici, São Paulo. Ele terá por tema: “Discípulos-missionários a serviço das vocações”, e por lema: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”.<sup>1</sup> Este novo evento propõe-se a celebrar a caminhada do serviço de animação vocacional, a aprofundar a teologia das vocações na perspectiva do discipulado e da missionariedade, a consolidar a identidade do animador(a) e do serviço de animação vocacional, e a oferecer pistas de ação para o trabalho vocacional.

Pretende-se, ainda, acolher, como horizonte e referência, o Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, e o Documento de Aparecida, com todas as suas indicações. As temáticas desses eventos são pertinentes e decisivas para a questão vocacional. Sem esquecer que recentemente o Papa Bento XVI convocou um Ano Sacerdotal, já em andamento, tendo por tema: “Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote”, com o objetivo de “fazer perceber sempre mais a importância do serviço e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea”.<sup>2</sup>

Mas, verdadeiramente, é necessário mais um congresso? Quais seriam as razões de sua realização? De onde provém esta necessidade? Buscarei responder algumas destas questões na medida em que tive a oportunidade de acompanhar

\* **Padre Ângelo Ademir Mezzari** é religioso rogacionista, superior provincial da Província Rogacionista Latino-Americana e membro do Instituto de Pastoral Vocacional (IPV).  
**Endereço do autor:** Av. Santa Marina, 534, CEP 05036-000, Água Branca, São Paulo-SP. Tel.: (11) 3619-4352. E-mail: provrog@rogacionistas.org.br.

1. Cf. Mt 28,19.

2. Convocação ocorrida no dia 16



de março passado, em audiência concedida aos participantes da plenária da Congregação para o Clero, em Roma.

3. Cf. DAp, n. 10.

4. Cf. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*, n. 159.

5. Neste momento temos as proposições aprovadas pelos padres sinodais. Vive-se a expectativa de uma Carta Encíclica do Papa Bento XVI sobre a Palavra de Deus na vida e na missão dos cristãos na Igreja e no mundo.

6. DAp, n. 100.

7. Id., n. 32.

8. Id., n. 22: “Assim ocorre também a nós olhar a realidade de nossos povos e de nossa Igreja, com seus valores, suas limitações, suas angústias e esperanças”.

9. Cf. Mt 9,32-35; Lc 10,2. O mesmo Documento de Aparecida, n. 22,

e participar da programação e da realização dos dois eventos precedentes, o primeiro em 1999, e o segundo em 2005, e estou envolvido na preparação deste III Congresso.

Antes de tudo, também nós, da animação e da pastoral vocacional, nos propomos à “grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu Batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”.<sup>3</sup> Trata-se de um mandato, uma missão que devemos realizar, o de despertar, discernir, cultivar e acompanhar a vocação dos batizados para que sejam verdadeiramente discípulos-missionários de Jesus Cristo. Esta tarefa protetora e alimentadora da fé, e de memorial, também é nossa e queremos cada vez mais assumi-la integralmente. A primazia deve ser dada à vocação de cada cristão à santidade.<sup>4</sup> A ordem de Jesus é explícita, objetiva, é ir, e fazer discípulos.

Nada melhor e mais oportuno que, neste tempo histórico e eclesial, o serviço de animação vocacional acolha as orientações de Aparecida e do Sínodo da Palavra de Deus,<sup>5</sup> como referenciais teológicos e pastorais para a vida – o discipulado – e o serviço das vocações – a missão. A mesma Conferência de Aparecida recorda que entre tantos desafios enfrentados pela Igreja, constata-se também o “número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição [...] e a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada”.<sup>6</sup> Certamente esta carência pode ser estendida aos demais ministérios, somos testemunhas e temos consciência disso. À escassez, ao número insuficiente e a uma não justa distribuição, mais do que ninguém, na Igreja, deve se interessar o serviço de animação vocacional.

De um lado temos a realidade que nos provoca, de uma multidão cansada e abatida, “o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos”,<sup>7</sup> também por falta de pastores, de ministros, de lideranças.<sup>8</sup> De outro, escutamos o apelo da fidelidade ao mandato de Jesus, de anunciar o Reino, de evangelizar, de pedir ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe.<sup>9</sup> Diante de um contexto de grandes mudanças que “nos afligem, mas não nos confun-

dem”,<sup>10</sup> sentimos também nós a necessidade de continuar fazendo o caminho, na acolhida aos apelos da Igreja. Entre tantos modos e formas, um deles é dar continuidade ao processo de realização dos congressos vocacionais, o que tem acontecido a cada cinco anos aproximadamente. Na continuidade, a fidelidade ao que se fez e viveu, mas também a novidade, capaz de gerar um novo espírito e um novo coração. Pois é sempre tempo para construir o novo na Igreja e no serviço de animação vocacional, tempo de avançar e de planejar, pois todos os “discípulos missionários” são responsáveis e estão a serviço das vocações.

O III Congresso, a exemplo dos precedentes, pela sua metodologia organizativa, vai permitir uma participação diversificada e qualificada de animadores e animadoras vocacionais, nas suas diversas fases. O simples fato de estar juntos e se encontrar, de refletir e partilhar as próprias práticas, de celebrar e propor metas e diretrizes, favorecem uma convergência nas prioridades e nas ações, nos princípios e valores, garantindo a unidade no caminho e a riqueza das vocações para a vida e a missão da Igreja no mundo. O Congresso é sempre fruto de um processo profundo do serviço de animação vocacional, sua identidade e missão. Os anteriores se abriram para as questões da antropologia e da cultura vocacional, da inculturação e da evangelização, da oração e da espiritualidade, da integração das pastorais, da pedagogia e do planejamento, do itinerário vocacional. Este vai enfocar a temática do discipulado-missionário no serviço das vocações, iluminando todas as questões anteriores já tratadas e apontando os novos desafios a serem enfrentados. Certamente o uso do método “ver, julgar e agir” poderá colaborar “para que vivamos mais intensamente nossa vocação e missão na Igreja”.<sup>11</sup>

Sabe-se, porém, que no caminho da evangelização, não é suficiente realizar um novo evento, isolado de todo o processo até aqui feito, com suas riquezas e também limites. As condições favoráveis para a realização do III Congresso e o seu planejamento, feito com antecedência, deverão envolver certamente todas as instâncias e os setores eclesiais, fazendo

ainda afirma: “No clima cultural relativista que nos circunda se faz sempre mais importante e urgente enraizar e fazer amadurecer em todo o corpo eclesial a certeza de que Cristo, o Deus de rosto humano, é nosso verdadeiro e único salvador”.

10. DAp, n. 10.

11. Id., n. 19. Recordamos que o II Congresso Vocacional (cf. Documento final, nn. 37-47) também abordou a temática metodológica, sugerindo no serviço de animação vocacional uma metodologia de planejamento participativo, contemplando uma análise da realidade (marco situacional), a iluminação da fé (marco doutrinal) e a ação e programação (marco operacional).

chegar às comunidades, aos grupos, às equipes e coordenações vocacionais, aos vocacionados, a reflexão proposta, favorecendo e estimulando a participação e corresponsabilidade. Fundamental é a preparação, a oração persistente, o aprofundamento temático, a articulação, o estabelecimento de prioridades, e uma programação que incida após o Congresso nos planos e projetos da mesma Conferência Episcopal e Comissão específica, dos Regionais, das Dioceses e suas comunidades. O que se deseja é que na Igreja, Povo de Deus, por sua graça e benignidade, haja um novo florescimento de vocações, como expressão da riqueza, multiplicidade e complementaridade de dons, carismas e ministérios.

O III Congresso se propõe, e certamente dele se espera, do ponto de vista temático e pastoral, que na animação vocacional e no trabalho de seus agentes, se garanta a centralidade do encontro com a pessoa de Jesus Cristo<sup>12</sup> e a conversão pastoral. De fato, na missão evangelizadora, o serviço de animação vocacional, como um instrumento do Espírito de Deus, terá como tarefa fundamental fazer com que os vocacionados tenham um “encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.<sup>13</sup> Neste sentido podemos falar da necessidade de promover a “pedagogia do encontro” com Jesus Cristo, que desperte e forme autênticos discípulos-missionários. Pois “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas; e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”.<sup>14</sup>

O III Congresso será um espaço propício para provocar e estimular no serviço de animação vocacional uma conversão pastoral e renovação missionária, que deve “impregnar todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja”.<sup>15</sup> A conversão implica em escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas”<sup>16</sup> através dos sinais dos tempos, onde Deus se manifesta. Para tanto, se exigem atitudes de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a corresponsabilidade e a participação efeti-

12. Cf. DAp, n. 11.

13. Id., n. 12.

14. Id., n. 29.

15. Id., n. 365.

16. Ap 2,29.

va de todos. Urgência pastoral na animação vocacional é o testemunho de comunhão eclesial e de santidade de vida.

Enfim, neste processo preparatório ao Congresso Vocacional, é preciso ter confiança no Senhor da messe, manter viva a esperança, prodigalizar-se no amor compassivo e misericordioso. “Não tenham medo”,<sup>17</sup> pois o que nos define é “o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção do Espírito Santo”.<sup>18</sup> Confiança significa superar a apatia e o desânimo, vencer a passividade e empenhar-se, pois o que nos impele é o amor de Jesus Cristo. Como Igreja e na Igreja, no serviço de animação vocacional, queremos assumir cada vez mais o desafio de “promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida”. O melhor serviço que a animação vocacional pode prestar, como ação evangelizadora e atividade eclesial da fé, é que “Jesus Cristo seja encontrado, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos”.<sup>19</sup>

Na inserção eclesial afirmamos nossa “adesão crente, alegre e confiante em Deus Pai, Filho e Espírito Santo”.<sup>20</sup> O III Congresso, cuja preparação já iniciamos, será um espaço apropriado para proclamar que “a própria vocação, a própria liberdade e a própria originalidade são dons de Deus para a plenitude e o serviço do mundo”.<sup>21</sup> Não só, será ocasião também para participar e contribuir com “esse despertar missionário, na forma de missão continental [...] seguros de que a Providência de Deus nos proporcionará grandes surpresas”.<sup>22</sup> Por tudo isso, por mandato de Deus e da Igreja, pelas razões que apresentamos, por tantas outras exigências e demandas, pela humanidade e pelos batizados, cremos que o III Congresso tem sentido, pois somos chamados, como discípulos-missionários, a servir mais plena e intensamente as vocações na Igreja. E convocados a colaborar, onde for possível e nas instâncias em que estamos envolvidos, com a preparação, realização e concretização das deliberações do III Congresso Vocacional do Brasil, para que todos os seus objetivos sejam atingidos.

Neste caminho, contamos com o auxílio da Virgem Maria, a discípula-missionária. Pedimos que “nos ensine a res-

17. Mt 28,5.

18. Cf. DAp, n. 14.

19. Ibid.

20. Id., n. 19.

21. Id., n. 111.

22. Id., n. 551.

ponder como fez ela no mistério da anunciação e encarnação”.<sup>23</sup> Somos chamados a permanecer na sua escola, mantendo vivas as “atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho”.<sup>24</sup> Com Maria podemos aprender a sair de nós mesmos e a acolher o mandato de Jesus: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”!<sup>25</sup>

23. Id., n. 553.

24. Id., nn. 270 e 272.

25. Fonte e informações adicionais: <[www.cnbb.org.br/site/eventos/congresso-vocacional](http://www.cnbb.org.br/site/eventos/congresso-vocacional)>.

JUAN A. RUIZ DE GOPEGUI, SJ\*

A Eucaristia contém “a totalidade do Mistério da nossa salvação”,<sup>1</sup> dizia Santo Tomás. O modo de celebrar a Eucaristia reflete o modo como é vivido o Mistério cristão e, reciprocamente, a configuração da vida cristã, e com mais razão da Vida Consagrada, se manifesta na forma como é celebrada a Eucaristia. Só é possível pensar teologicamente a Eucaristia deixando-se guiar pela própria celebração do Mistério.<sup>2</sup>

Quando, por volta dos séculos XI e XII, foi questionada a presença real do Cristo na Eucaristia, entendendo o sacramento como puro símbolo, tornou-se necessário salvaguardar a presença real do corpo e do sangue de Cristo nas espécies do pão e do vinho. No contexto da filosofia que dominava a cultura do tempo, elaborou-se com essa finalidade a doutrina da transubstanciação, que pretendia *proteger* a verdade da presença, *não explicá-la*. Não se pode explicar o Mistério revelado por algo exterior a ele.

De forma semelhante, quando foi impugnado o caráter sacrificial da Eucaristia o Concílio de Trento reafirmou a verdade recebida da Tradição de que a Eucaristia é sacrifício por ser *sacramento do sacrifício da cruz*, sem, contudo, elaborar uma teologia do sacrifício que partisse do interior do Mistério. Os séculos posteriores centraram o estudo da Eucaristia nessas duas afirmações pretendendo, a partir delas, explicar o Mistério eucarístico servindo-se de conceitos exteriores ao próprio Mistério.

A doutrina da transubstanciação, nascida para defender a verdade da presença real num contexto cultural muito preciso, pouco

\* **Padre Juan A. Ruiz de Gopegui** é jesuíta, professor da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte-FAJE. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. **Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, CEP 31720-300, Belo Horizonte-MG. Tel.: (31) 3115-7015. E-mail: [ruizgopegui@gmail.com](mailto:ruizgopegui@gmail.com).

1. “[...] totum mysterium nostrae salutis”, *STh*, III, 83, 4.

2. Retomo aqui algumas das reflexões sobre a Eucaristia do capítulo 15, intitulado Teologia da Eucaristia para hoje, do meu livro *Eukharistia, verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 261-287.

ajuda a penetrar na compreensão do Mistério, fora desse contexto. A doutrina não toca o Mistério, permanece exterior a ele. A teologia pós-tridentina pretendeu explicar o caráter sacrificial da Eucaristia a partir da noção genérica de sacrifício tirada das religiões e por isso tampouco ajudou a penetrar no *Mistério revelado na Escritura*.

Este artigo se separa conscientemente desses caminhos. Isso não implica negar sua validade no momento em que surgiram. Mas aferrar-se a eles significaria fechar-se à verdade que a presença do Espírito, por vontade do Cristo, vai revelando a cada geração no decorrer da história. A limitação do espaço obriga a conduzir a reflexão a partir desses dois aspectos da teologia da Eucaristia, que evidentemente não esgotam a riqueza inexaurível do Mistério.<sup>3</sup>

### *A Eucaristia é a ceia do Senhor*

São Paulo denomina a Eucaristia “ceia do Senhor”.<sup>4</sup> Pouco antes a tinha designado com a expressão “mesa do Senhor”. Deve se entender o genitivo como subjetivo. O Senhor Ressuscitado *preside* a ceia que torna presente o gesto do Jesus terreno na noite em que foi entregue.

Paulo argumenta que se o gesto da ceia do Senhor, sacramento de sua entrega na cruz, não configura o comportamento da comunidade, não se come a ceia do Senhor, mas a própria condenação, por “não reconhecer o corpo do Senhor”. O termo “corpo” designa aqui tanto o corpo sacramental como o corpo eclesial. A divisão entre os membros da Igreja é incompatível com o Mistério que se celebra.

Para reconhecer que o Senhor preside cada Eucaristia é preciso ter em mente a centralidade da ressurreição. A fé cristã nasce da experiência do Ressuscitado vindo ao encontro dos discípulos e trazendo a salvação:

[...] cremos naquele que ressuscitou dos mortos a Jesus, nosso Senhor, entregue por causa de nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação. [...] estando já reconciliados, seremos

3. Outros aspectos podem ser vistos no livro citado na nota anterior.

4. 1Cor 11,20.

salvos por sua vida! Ainda mais: nós nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.<sup>5</sup>

A ressurreição é fundamental para compreender a salvação. Durante muito tempo a teologia e a catequese deixaram na sombra essa verdade fundamental. Via-se na ressurreição apenas a confirmação divina da ação redentora do Cristo na cruz. Sem a ressurreição a morte de Jesus seria apenas a tragédia de uma vítima a mais da violência do mundo. Poderia ser vista como ato heroico, entre outros muitos, de um justo que deu a vida pelos demais. Morte e ressurreição de Jesus são o Mistério que envolve o próprio Deus no drama da salvação de todos e de cada um de nós: o Mistério pascal, cerne da proclamação cristã.

A ressurreição do Senhor manifesta que a morte do Crucificado tem a ver com cada um de nós. O cristão crê que, morrendo com Cristo em virtude do Batismo, é sepultado o lado obscuro da morte, seu trágico poder destruidor. Renascendo para a vida em Cristo, a morte continua no horizonte do batizado, mas terá mudado a face de sua realidade ambivalente, passando a ser o ato supremo da livre consumação de vida em obediência a Deus e como entrega confiada ao seu amor.

Essa afirmação da fé cristã não é fruto das especulações dos discípulos após a morte trágica do Mestre. Nasceu da experiência, testemunhada profusamente nos escritos do Novo Testamento, do encontro com o Ressuscitado.

A exaltação de Jesus não o afasta do mundo, ao contrário, o torna presente ao universo como a realidade mais íntima da “nova criação” realizada por Deus através do Mistério pascal. A assembleia litúrgica o expressa com júbilo no prefácio da Ascensão:

Ele, nossa cabeça e princípio, subiu aos céus, não para afastar-se de nossa humildade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade [...] Por essa razão, transbordamos de alegria pascal [...].

5. Rom 4,24-5,10.

Essa experiência de alegria transbordante já está testemunhada nos Atos dos Apóstolos (2,46): “[...] partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição *com alegria* e simplicidade de coração”. De onde provém essa alegria extrema senão da consciência de que *a assembleia eucarística é presidida pelo Senhor* e ele próprio, como na ceia de despedida, parte o pão e o distribui entre eles? O relato da aparição aos discípulos de Emaús, ao dizer que os discípulos reconhecem o Senhor ao partir o pão, alude certamente à experiência eucarística da comunidade primitiva. De forma narrativa mostra a relevância evangélica da experiência singular da assembleia eucarística presidida pelo Ressuscitado.

Se em um primeiro momento os discípulos talvez esperassem ansiosamente um momento singular da manifestação gloriosa do Filho do Homem, cedo compreenderam que a *parusia* estava já em curso na história. A Eucaristia aparece aos discípulos como *presença do Senhor que vem* para a transformação progressiva do mundo até sua consumação gloriosa. As mais antigas orações eucarísticas o testemunham. A ação de graças da *Didakhé* conclui assim: “Venha a tua graça e passe este mundo! *Hosana* ao Deus de Davi. Aquele que é santo aproxime-se. Quem não é, faça penitência. *Maranatha!* Amém”.

Toda a tradição litúrgica mostra a consciência constante de que a assembleia litúrgica é presidida pelo Senhor Jesus. Os dons que a assembleia eucarística oferece são “o sacramento do corpo e do sangue do Senhor”, porque a reunião da comunidade é *a ceia do Senhor*. O gesto de Jesus no cenáculo de Jerusalém se torna presente em cada Eucaristia. *Ele próprio nos dá*, nos sinais sacramentais do pão e do vinho, o seu corpo entregue na cruz e o seu sangue derramado no Calvário.

A celebração é a *mímesis* do gesto de Jesus no cenáculo, por ser, como dizia Teodoro de Mopsuestia, a *mímesis* da oferta celeste do Ressuscitado. Na exaltação do Cristo à direita do Pai, a oblação da cruz e toda a vida de Jesus por ela “simbolizada”<sup>6</sup> ficam eternizadas e se tornam presentes na *sinaxis* dos discípulos em seu nome.

A instrução geral do *Missal Romano* afirma:

6. No sentido etimológico do termo *sym-ballein*, pôr junto. A morte de Cristo manifesta o que foi toda a sua vida, uma vida para os demais.

Na Missa ou Ceia do Senhor o povo de Deus é convocado e reunido sob a presidência do sacerdote que representa a pessoa de Cristo, para celebrar a memória do Senhor ou sacrifício eucarístico. Por isso, a esta reunião local da santa Igreja aplica-se, de modo eminente, a promessa de Cristo: “Onde dois ou três estão reunidos no meu nome, eu estou no meio deles” (Mt 18.20) Pois, na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente tanto na assembleia reunida em seu nome, como na pessoa do ministro, na sua palavra, e também, de modo substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas.<sup>7</sup>

*A presença real de Cristo* como anfitrião da ceia e presidente da assembleia foi *obscurecida na catequese* pela insistência exclusiva na presença real nas espécies sacramentais. Ainda hoje, apesar do ensino conciliar, essa verdade não foi plenamente assimilada pelo povo cristão. Muitos veem no momento da impropriamente chamada consagração<sup>8</sup> “a chegada do Senhor ao altar”. Se o Senhor não estivesse presente realmente como presidente da ação litúrgica, a consagração dos dons, suplicada ao Pai como dom do Espírito pelo conjunto da oração eucarística, não seria possível. É a partir da presença do Senhor como anfitrião e presidente da ceia que pode ser entendida a transformação dos dons. Ela é resultado do gesto do Senhor, que, em virtude de suas palavras na ceia, entrega aos discípulos, de forma sacramental, seu corpo e seu sangue imolados na cruz.

A exaltação do Cristo que o estabelece Filho de Deus com poder<sup>9</sup> é o ato eterno do Pai que envia o Ressuscitado para a restauração do universo: “Pois Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude e, por ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz”.<sup>10</sup>

Em virtude da exaltação, as palavras de Jesus no cenáculo, pronunciadas uma vez por todas, o dom do seu corpo e seu sangue para o perdão dos pecados se tornam presentes em cada assembleia eucarística.

7. Instrução geral do *Missal Romano*, n. 7.

8. Toda a anáfora é oração consecratória: súplica ao Pai para que transforme os dons para fazer da assembleia o corpo do Senhor.

9. Cf. Rm 1,4.

10. Cl 1,19s.

A presença da entrega de Cristo pela humanidade só é conhecida por quem acolhe a sua Palavra. É *presença relacional*, presença que busca estabelecer um diálogo. “Presença para.” Relacional não se confunde com relativo. A presença do dom de Cristo ao mundo não depende do seu reconhecimento. Busca e cria o reconhecimento. Por isso a presença do Ressuscitado, que é presença transformadora através do Espírito, permanece escondida até ser revelada ao discípulo que acolhe o Cristo como a Palavra definitiva de Deus. O lugar por excelência do acolhimento do Cristo é a assembleia eucarística, reunida para celebrar sua memória.

A anáfora alexandrina de São Basílio mostra muito bem, na epiclese, o caráter relacional da presença: “[...] venha o Espírito Santo sobre nós, teus servos, e sobre estes teus dons apresentados, e os santifique e os manifeste santos entre as realidades santas”. Não se pede apenas que o Espírito santifique os dons, mas também que os manifeste santos àqueles para os quais são santificados. Por isso a ação do Espírito é implorada, em primeiro lugar, para a assembleia que celebra a Eucaristia, “venha o Espírito Santo sobre nós, teus servos”.

### ***Manifestação da presidência de Cristo no decorrer da celebração***

A celebração eucarística começa “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Quem preside, em nome do Cristo, saúda os participantes da assembleia desejando que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito estejam com eles, ou, com fórmula mais simples, que o Senhor Jesus esteja com eles. Isso será lembrado muitas vezes ao longo da celebração, para manter viva a consciência da presença do Senhor Jesus presidindo a reunião da comunidade. Presença que se dá no Mistério da missão do Filho pelo Pai no Espírito. No interior desse Mistério se desenvolverá toda a oração da assembleia.

Trata-se de *presença real*, fonte e fundamento de todas as formas de presença que se desenvolverão ao longo da celebração. Para os que não vivemos ainda na condição do

Ressuscitado, é, de alguma forma, uma *presença na ausência*. Por isso deve se manifestar através das realidades criadas.

*Manifesta-se* na pessoa de quem preside a celebração ao mesmo tempo que *se oculta*. Por isso a forma ritual da manifestação é muito discreta. Se o padre em nome de Cristo saúda a assembleia, não o faz como se ele próprio fosse o Cristo, mas como alguém que faz parte da assembleia, que não está por cima dela, e humildemente lhe deseja: “A paz do Cristo esteja convosco”. O uso do pronome em segunda pessoa – “convosco” – evoca, no entanto, a presença oculta do Cristo em quem preside sem confundir-se com ele.

Da mesma forma, quando, recolhendo a prece silenciosa da assembleia, o sacerdote eleva ao Pai a oração chamada coleta, o faz “por Jesus Cristo na unidade do Espírito”, como poderia expressar-se em uníssono o conjunto da assembleia. Mas pelo fato de a oração ser pronunciada somente por quem preside, em nome da assembleia, que responde com o “Amém”, manifesta a realidade oculta do sujeito da oração litúrgica: o Cristo cabeça com o seu corpo, dirigindo-se ao Pai na unidade do Espírito.

Isso mesmo aparecerá no centro da celebração, a *oração eucarística* dirigida ao Pai por Cristo, com Cristo e em Cristo na unidade do Espírito Santo. Quem preside não pronuncia as palavras institucionais, “isto é o meu corpo...”, “este é o cálice do meu sangue...”, como se ele representasse o Cristo (como poderia acontecer numa representação cênica). Fala as palavras do Senhor no curso da oração dirigida ao Pai em nome da assembleia, recordando o que Jesus fez na ceia para cumprir o mandato de celebrar a sua memória.

É fácil ver como a presença do Cristo enquanto presidente da celebração não se manifesta espontaneamente. É reconhecida pela fé como dom do Espírito. Por se tratar de presença “sacramental”, manifestada por sinais, o decorrer da celebração deverá contribuir para que se revele na fé a “presença na ausência aparente” do Ressuscitado.

A liturgia da Palavra conduz a assembleia a fazer a experiência da presença de Jesus como Palavra viva de Deus. Con-

forme a condição das palavras proclamadas, isso implicará escutar com Jesus a Palavra profética do Antigo Testamento, orar com ele ao Pai nos salmos ou eventualmente dirigir ao Senhor exaltado os salmos que nasceram referidos a Deus, ou escutar dos lábios de Jesus as suas palavras proclamadas no Evangelho.

Exemplificando: fazer a experiência de Jesus presidindo a celebração não é apenas tirar as consequências de ele ter dito outrora: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”. É escutar na fé a voz do Senhor dirigindo essas palavras à assembleia reunida em seu nome e “encontrar descanso para nossas vidas” no agora da celebração. O moralismo, tão frequente na pregação, deseduca o povo e se erige em obstáculo ao reconhecimento da presença do Senhor na sua Palavra.

### ***A Eucaristia memorial (anámnesis) da morte e ressurreição do Senhor***

*Fazei-o em minha memória,*<sup>11</sup> ordenou Jesus aos discípulos após ter-lhes dado seu corpo e seu sangue na ceia pascal de despedida. As anáforas orientais e o cânon romano mostram a fidelidade com que a Igreja recolheu o mandato do Senhor: afirmam que a ação litúrgica que está sendo realizada é a *anámnesis* ou memorial pedido pelo Senhor na ceia.

Antes de analisar o *memorial* cristão, derivado do hebreu, é útil recordar algumas *características básicas da memória*, propriedade específica do ser histórico. Por ela o ser humano supera a sucessão desconexa das efêmeras experiências instantâneas e se compreende como pessoa na história, em relação com as outras pessoas. Sem a memória, que unifica o devir constante das vivências do indivíduo, não pode haver verdadeiro *encontro pessoal*.

A memória é pressuposto indispensável ao *encontro da pessoa humana com o Mistério*. A memória coletiva constitui um povo como tal. O Povo de Deus se reconhece como *Povo da Aliança* divina através da memória histórica das relações dos antepassados com o Eterno.

11. 1Cor 11,26.

O que o Povo de Deus designa com o termo *zikaron* é *muito mais do que mera recordação do passado*. O *memorial de Javé* é um ato de culto mediante o qual a relação instaurada por Deus na aliança do Sinai se perpetua, tornando-se presente e suscitando a esperança do cumprimento futuro das promessas divinas contidas na aliança.

O memorial, presente em todas as festas religiosas de Israel, tem sua expressão máxima na *celebração da Páscoa, memorial da ação libertadora de Javé*, que culminou na aliança do Sinai e constituiu as tribos dispersas do deserto em Povo de Deus.

Na ceia de despedida, uma ceia pascal, Jesus insere a doação do seu corpo e do seu sangue na *ação de graças, que era o ponto culminante do memorial de Israel de toda a ação libertadora de Deus*. Ao fazê-lo, o memorial alcança plenitude escatológica. As ações poderosas de Javé, lembradas ano após ano na noite pascal, com o intuito de manter viva a esperança messiânica e suplicar a sua realização, se cumprem na mesa do Messias.

Na ceia pascal judaica, com o gesto de partilhar o pão abençoado cria-se uma comunidade de bênção. Dando a comer aos discípulos, no sacramento do pão, o seu corpo, que será entregue na cruz, Jesus se interpreta como fonte das bênçãos messiânicas e mediador da salvação. Os discípulos entenderam o gesto como autointerpretação messiânica por parte de Jesus e *admissão deles à comunhão na mesa do Messias*. Assim o entendeu Paulo: “E o pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?”<sup>12</sup>

A ação de Jesus com o vinho apresenta também uma singularidade com relação aos ritos finais da ceia pascal dos judeus. No final da ceia se pronunciava a bênção de ação de graças sobre o terceiro cálice de vinho, precedida de uma invocação a Deus para a vinda do Messias. Ao rito Jesus acrescenta um gesto singular. Contrariamente ao costume, passa o cálice diretamente aos discípulos sem beber dele e lhes diz: “Isto é meu sangue da aliança, que é derramado em favor da multidão”.

12. 1Cor 10,16b.

Com o vinho, que simboliza o seu sangue, Jesus concede aos discípulos a comunhão de bênção consigo mesmo, o Messias, *a participação na expiação realizada com a sua morte que cria a comunhão com Deus na nova aliança*. Jesus se interpreta a si mesmo como mediador da nova aliança, que Deus funda por meio da sua morte em favor da “multidão”. Os destinatários do dom representam o novo Povo de Deus, redimido pela sua morte, e se tornam mensageiros da *nova aliança*. Após a Páscoa, convidarão o inteiro Israel e mais tarde todos os povos a essa aliança. A Igreja primitiva entendeu o sentido do gesto: “O cálice da bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo?”<sup>13</sup>

Paulo transmite as palavras do Senhor que explicitam o sentido dos gestos: “[...] fazei isto em memória de mim” “Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em minha memória” (1Cor 11,24s).

As orações eucarísticas, ao lembrar que *a ação litúrgica consiste no memorial da morte e ressurreição de Jesus*, evidenciam a presença do Mistério que se recorda. Característica do memorial da páscoa na liturgia judaica é a presença atualizada da ação libertadora de Deus que se rememora, como expressa até hoje um dos comentários da celebração:

Em todas as gerações, cada um de nós tem o dever de considerar-se *como se ele mesmo tivesse saído do Egito*, como está escrito: “Naquele dia, assim falarás ao teu filho: *Eis o que Javé fez por mim quando saí do Egito*”.<sup>14</sup> Não só aos nossos pais libertou o Deus santo – bendito seja ele! –, mas também a nós juntamente com eles, como está escrito: “Quanto a nós, porém, fez-nos sair de lá para nos trazer aqui e nos dar a terra que, sob juramento, tinha prometido aos nossos pais”.<sup>15</sup>

A presença da ação divina libertadora atinge sua manifestação máxima no memorial do Senhor. Pode-se dizer ao cristão que celebra o memorial da morte e ressurreição do Senhor: “Não só aos discípulos que estavam no cenáculo na véspera da sua Paixão entregou o Senhor o memorial de

13. 1Cor 10,16.

14. Ex 13,8.

15. Dt 6,23.

sua morte, mas também a todos os que ao longo da história o haveriam de celebrar em comunhão com eles”. A cada participante da assembleia eucarística recorda a Igreja, com realismo ainda maior, o expressado na monição da ceia pascal judaica: “Tu, ‘o discípulo que Jesus ama’, estavas ao pé da cruz junto com Maria, sendo remido e ouvindo de Jesus as palavras: ‘Eis a tua mãe’. Por isso podes celebrar o memorial da Paixão em comunhão com Maria e todos os santos”.

*A celebração da Eucaristia torna o cristão presente ao Mistério pascal* que aconteceu uma vez para sempre no Calvário. Mas o Calvário é apenas o momento em que o Mistério culmina. Nele se compendia e simboliza o Mistério da *kénosis* da Palavra eterna de Deus, “que por nós e por nossa salvação desceu dos céus”.

Não é simples figura poética o fato de a liturgia proclamar no prefácio da oração eucarística, ao celebrar cada um dos mistérios da vida de Cristo, *hoje se realiza a ação salvífica de Deus*. Baste um exemplo, o prefácio da solenidade da Ascensão: “Vencendo o pecado e a morte, vosso Filho Jesus, Rei da Glória, subiu hoje, ante os anjos maravilhados, ao mais alto dos céus [...] para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade”.

Como isso pode ser possível? Uma teologia que durante séculos esqueceu a ressurreição como momento essencial da ação redentora do Cristo dificilmente podia explicá-lo. Quando se vê na ressurreição e exaltação de Jesus a consumação de toda a ação redentora e da vinda gloriosa do Filho do Homem, o *hoje* da ação libertadora de Deus se torna transparente.

O *Kyrios* que congrega a assembleia litúrgica e é aclamado e invocado no canto *Kyrie eleison*, que abre a celebração, está presente no decorrer da celebração e, como ensinam os relatos das aparições, *mostra as suas chagas*. No Senhor Resuscitado estão presentes, eternizados, todos os mistérios de sua vida redentora. *No Senhor que vem* ao nosso encontro cada membro da assembleia eucarística pode se considerar presente em todos os “passos” do Mistério. Usando a linguagem de nosso povo, o “Senhor da glória” *que vem* na



ação litúrgica é o “Senhor dos Passos”. Vinde, Senhor Jesus, aclama a assembleia litúrgica.

De novo aqui haverá que recordar que isso só pode ser pensado por uma *ontologia relacional* capaz de ver na contingência do caminho terreno do Cristo a Palavra eterna de Deus, o Mistério absoluto que livremente se autocomunica na história. Não se relativiza o Mistério divino. Afirma-se como o Mistério que em si mesmo é *Mistério de relações intradivinas*, capaz de criar um ser finito, do qual a relação é propriedade essencial.

Isso, evidentemente, choca com a concepção tão estendida no subjetivismo da Modernidade de que o indivíduo pode se constituir e afirmar independentemente dos outros e depois decidir ou não, arbitrariamente, estabelecer relações com os demais. O ser humano, desde o primeiro instante de sua existência, é *ser em relação*, relação que, quer se pense, quer não, envolve a *relação com o Mistério eterno*.

### ***O memorial do sacrifício redentor do Cristo é a oferenda da Igreja***

A Igreja cristã sempre viu na Eucaristia a oferenda da Igreja. As anáforas o mostram. No entanto, quando se buscou a explicação do caráter sacrificial da Eucaristia fora do próprio Mistério que se celebrava, surgiram dificuldades que causaram a divisão dos cristãos.

Lutero, argumentando com a Carta aos Hebreus (10,4-12), afirmava com veemência que não pode haver outro sacrifício que não seja o que foi consumado uma vez por todas no Calvário, abolindo todo outro sacrifício ou oferenda. Evidentemente, tinha razão ao afirmar a unicidade do sacrifício de Cristo. A Igreja não o negava. Mas a reflexão sobre a Eucaristia como sacrifício teria de amadurecer durante séculos até se chegar a um consenso nesse ponto.

Os Padres definiram corretamente que a oblação da Igreja é *o sacramento do sacrifício de Cristo*. Sacramento e sacrifício se implicam mutuamente, numa teologia que não opõe

símbolo e realidade e mantém vivo o poder atualizador do memorial. Na tradição patrística, “o sacrifício da Igreja e o memorial da paixão são indissociáveis e significam rigorosamente a mesma coisa”.<sup>16</sup> “O sacramento dos fiéis é o sacrifício do corpo de Cristo”, diz Agostinho.<sup>17</sup>

Na teologia medieval começou a se insinuar a tendência a dissociar o sacramento do sacrifício de Jesus. A ênfase na presença real de Cristo nas espécies sacramentais dificultava a compreensão da relação do sacramento com o sacrifício de Cristo, ao ocultar sua presença como sacerdote que preside a celebração. Para afirmar o caráter sacrificial da Eucaristia, procurava-se algum rito da própria celebração que a caracterizasse como sacrifício. Partia-se da noção genérica de sacrifício deduzida das religiões.

O Concílio de Trento não conseguiu dirimir a questão por carecer de uma teologia apropriada do memorial. A procura de um *rito visível* na celebração da Eucaristia, semelhante aos ritos sacrificiais das religiões antigas, se prolongou durante séculos no debate da teologia pós-tridentina. Um texto do Concílio afirmava ser a Eucaristia um *sacrifício visível*.

Hoje compreendemos que a *visibilidade* da Eucaristia como sacrifício lhe vem de ser o *memorial do sacrifício da cruz*. E a cruz subverte a noção de sacrifício das religiões. Mas a teologia da época não refletia suficientemente sobre a realidade do memorial, tão felizmente expressada nas anáforas orientais. A ênfase dada às palavras da “instituição”, consideradas então como “a consagração”, impedia prestar atenção ao resto da oração. O olhar deslumbrado pela presença real de Cristo nas espécies não enxergava a presença real do Cristo Sacerdote presidindo a celebração. Sem isso se tornava difícil compreender que a Eucaristia é verdadeiro sacrifício por ser memorial do sacrifício da cruz.

### ***O sacrifício de Cristo consumado na glória do Pai***

A apresentação sacerdotal do Mistério pascal de Cristo é feita, na Carta aos Hebreus, a partir da visão de “Jesus, o

16. DE LUBAC, H. *Corpus mysticum. L'eucaristia e la Chiesa nel Medio Evo*. Torino, 1968. p. 72-73. Original francês: Paris, 1949.

17. AGOSTINHO. *Ep.* 140,61. *PL*, 33, 563.

apóstolo e sumo sacerdote da fé que professamos”,<sup>18</sup> exaltado à direita do Pai e intercedendo pela Igreja.

Aos hebreus, num momento em que a fé se vê ameaçada de desânimo (como se pode deduzir do conjunto do escrito), o autor exorta-os à perseverança e à esperança:

Quanto a nós, temos um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus: Jesus, o Filho de Deus. Por isso, permaneçamos firmes na profissão da fé. De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, sem todavia pecar. Aproximemos-nos então, seguros e confiantes, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos a graça do auxílio no momento oportuno (Hb 4,14-16).

Para revelar a riqueza da esperança a cristãos familiarizados com as Escrituras e as práticas litúrgicas do Antigo Testamento, o autor da Carta lhes mostra que temos um sumo sacerdote, mais excelso que os sacerdotes da antiga aliança:

Por isso, ele tem poder ilimitado para salvar aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus, já que está sempre vivo para interceder por eles. Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e elevado acima dos céus (Hb 7,25-26).

Jesus não foi sacerdote durante a vida mortal: “Na verdade, se Cristo estivesse na terra, não seria nem mesmo sacerdote, pois já existem os que oferecem dádivas de acordo com a Lei” (Hb 8,4). É na ressurreição que é constituído sacerdote.

Em Efésios 5,2.25-27, a morte do Cristo é compreendida como oferenda agradável a Deus, na corrente de espiritualização dos sacrifícios:

Vivei no amor, como Cristo também nos amou e se entregou a Deus por nós como oferenda e sacrifício de suave odor. [...] Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo também amou

18. Hb 3,1.

a Igreja e se entregou por ela, a fim de santificar pela palavra aquela que ele purifica pelo banho da água. Pois ele quis apresentá-la a si mesmo toda bela, sem mancha nem ruga ou qualquer reparo, mas santa e sem defeito.

A Carta aos Hebreus leva adiante a reflexão cristológica e mostra como na morte e ressurreição do Cristo chega à realização plena uma das principais correntes da tradição bíblica, a que concerne ao culto: ritos, sacrifícios e santuário:

Cristo, porém, veio como sumo sacerdote dos bens futuros. Ele entrou no Santuário através de uma tenda maior e mais perfeita, não feita por mãos humanas, nem pertencendo a esta criação. Ele entrou no Santuário, não com o sangue de bodes e bezerras, mas com seu próprio sangue, e isto, uma vez por todas, obtendo uma redenção eterna.<sup>19</sup>

Assim como o sumo sacerdote entra uma vez por ano no Santuário e asperge o sangue no propiciatório para implorar o perdão dos pecados, o Cristo entra de uma vez por todas na glória do Pai. Com o próprio sangue – a oblação espiritual de si próprio – implora a libertação definitiva e se torna sacerdote para sempre. Exerce seu sacerdócio por sua intercessão eterna.

O Senhor exaltado à direita do Pai preside a Eucaristia como sacerdote eterno e associa a Igreja à sua intercessão. A oblação de sua vida, em favor de nós, consumada no Mistério pascal, se faz o sacrifício da Igreja.

Ao lado da evolução do sacrifício de ação de graças, o de louvor é significativo para a interpretação da morte de Jesus a *interiorização do sacrifício de expiação* que encontramos nos *cânticos do Servo sofredor* do Dêutero-Isaías (Is 53). A perseguição e o martírio do justo, livremente aceitos e oferecidos como expiação pela injustiça dos ímpios, são vistos como sacrifício expiatório. Os Evangelhos põem na boca de Jesus essa explicação da sua morte injusta.

A aceitação da injustiça, em lugar da revolta e da vingança, é a expressão da firme vontade de fazer do amor o

19. Hb 9,11s.

único caminho eficaz da superação da violência. *A aceitação livre do sofrimento injusto é a expiação pelo pecado do mundo*, nos dois aspectos simbolizados por esse rito no Antigo Testamento: *invocação do perdão gratuito de Deus* e gesto simbólico que mostra o desejo ardente de romper todo vínculo com o pecado mediante *um amor que assume o irmão também com as suas injustiças*. Amor que não espera a conversão do irmão para amá-lo. Ama-o para que se converta.

Sobre o pano de fundo tanto da evolução do sacrifício de comunhão e ação de graças como do sacrifício expiatório, a morte de Cristo, ou melhor, a vida toda em obediência aos desígnios do Pai até a morte de cruz, se mostra como sacrifício expiatório: oblação que recolhe tudo o que de mais autêntico havia nos sacrifícios antigos, ao mesmo tempo que os supera definitivamente, abolindo-os.

Qual é, então, o sacrifício que Cristo oferece como sacerdote da nova aliança?<sup>20</sup> Toda a vida de Jesus é apresentada na Carta aos Hebreus como ação sacerdotal do sumo sacerdote que culmina na entrada, “uma vez por todas”, no Santuário celeste, alcançando-nos uma redenção eterna, pelo “seu próprio sangue” (Hb 9,11-12).

O termo de comparação do “sangue” não deve desorientar na interpretação do sacrifício de Cristo. Não é o derramamento do sangue que constitui a essência da oferenda do Cristo. Toda a reflexão teológica da Carta aos Hebreus quer antes mostrar que *a necessidade do sangue para o sacrifício propiciatório é um condicionamento (cultural) que deve ser superado*. Se no sacrifício de Cristo se deu derramamento de sangue, foi pela maldade do mundo. O que salva é o amor de Cristo “até dar a vida”, quando a maldade humana se interpôs no caminho da manifestação desse amor.

A afirmação de Hebreus 10,4 de que “é impossível eliminar os pecados com o sangue de touros e bodes”, levada às últimas consequências da argumentação, obriga a afirmar que muito menos o sangue humano (essa aberração tantas vezes condenada pelos profetas!) pode tirar os pecados. De fato, logo depois a Carta põe na boca do Cristo, “ao entrar no mundo”, as palavras do saltério:

20. A afirmação de que Cristo é o sumo sacerdote de uma nova aliança está fartamente documentada nos capítulos 3 a 10 da Carta aos Hebreus.

Por essa razão, ao entrar no mundo, Cristo declara: “Não quise vítima nem oferenda, mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade, como no livro está escrito a meu respeito”.<sup>21</sup>

A Carta não pode evitar o horizonte cultural dos ritos sacrificiais na interpretação da morte de Cristo, mas, ao mostrar que nesta se realiza de modo eminente o que os antigos ritos pretendiam, supera-os definitivamente.

Resumindo: o memorial torna visível que a Eucaristia é o sacramento do sacrifício da cruz – *o sacramento do corpo e do sangue de Cristo*. Essa expressão diz muito mais que a afirmação da presença real de Cristo, do seu corpo alma e divindade, como se dizia no antigo catecismo. Diz *presença do Senhor entregando-nos o dom total de sua vida consumada na cruz* para fazer de nós o seu corpo e, assim, oferenda agradável a Deus. A celebração da Eucaristia é sacramento – sinal sagrado instituído por Cristo – de uma oferenda que acontece na vida. Na vida de Jesus e em nossa vida. “Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto”, exorta Paulo aos cristãos de Roma (Rm 12,1).

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. As nossas celebrações mostram a Eucaristia como presença e memorial do sacrifício de Cristo, da entrega a nós do sacramento do seu corpo e seu sangue, ou seja, do amor com que morreu na cruz por nós?
2. As nossas Eucaristias são sinal sacramental de nossa vida cristã e consagrada? Ou vemos a Eucaristia como um rito religioso com valor em si mesmo, sem referência à oferenda de nossa vida em Cristo e por Cristo?

21. Hb 10,5-7. Cf. Sl 40,6-8.

## O seguimento de Jesus Cristo na “Pós-Modernidade”

\* **Padre Paulo**

**Roberto Gomes**

é religioso da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração. Doutor em Teologia. Trabalha como assessor do Centro de Renovação Espiritual (Cerne), na formação de lideranças. É pároco da Paróquia São Paulo Apóstolo, em Muriaé-MG. Publicou vários artigos em revistas especializadas e é autor do livro *O Deus Im-Potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*, por Loyola.

**Endereço do**

**autor:** Paróquia São Paulo, Rua Afonso Canedo, 47, CEP 36.880-000, Muriaé-MG. E-mail: prober-tomsc@gmail.com.

1. Para a compreensão do fenômeno sociocultural chamado “Pós-Modernidade”, uso o livro de GONZÁLEZ FAUS, José Ignácio. *Desafio da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PAULO ROBERTO GOMES, MSC\*

### Introdução

Para entendermos o fenômeno que se convencionou chamar “Pós-Modernidade”,<sup>1</sup> é necessário percebê-lo como uma reação cheia de dor e decepções. A Modernidade trouxe-nos o mito do progresso a partir da razão. Tudo estaria resolvido quando o ser humano chegasse à iluminação. No entanto, o progresso não resolveu o problema da fome, da miséria, da exclusão. A falta de sentido da vida campeia pelo mundo. Revoluções que se propuseram libertar o ser humano tornaram-se regimes totalitários, repressores, mentores de guerras e corrida armamentista.

No primeiro momento, vem o desencanto. Depois, segue-se uma crítica atroz às possibilidades da razão moderna. Torna-se uma acomodação ao agora, ao presente, que deve ser vivido com o maior prazer possível. O passado, com suas experiências e tradições, é descartado. O futuro, com seus projetos a ser construídos, simplesmente é desconsiderado. Volta-se para o máximo de diversão – o lazer –, para a busca do corpo perfeito – a estética –, constrói-se a sociedade da imagem, em que valem as regras do marketing, o espetáculo, a imagem, ainda que distante do real ou falseada, a libertação do desejo. Abandona-se as utopias, os compromissos éticos e históricos. Através da busca de uma vida leve longe de sofrimentos, busca-se todo tipo de terapias, técnicas de relaxamento, expansão da consciência. A religião torna-se *show* (espetáculo), terapia ou relação mercantilista dentro do individualismo cada vez

mais exacerbado. Tudo se torna líquido: o amor, as relações, a ética, a sociedade (Z. Bauman).

Sem dúvida, há reações a tal fenômeno sociocultural. Alguns, acuados diante da erosão de sentido, das tradições, das crises e mudanças rápidas, assumem uma postura fundamentalista. Outros tentam entender o fenômeno, considerar os avanços e a força da Modernidade para superar-lhe os entraves e negatividades. Penso que como Vida Religiosa Consagrada devemos nos colocar nessa terceira tendência. Nem acomodação “ao espírito do mundo” – “Pós-Modernidade” – nem volta nostálgica ao passado (fundamentalismo), mas compreensão da realidade para, criativamente, dar respostas na radicalidade exigida pelo Evangelho.

Neste artigo proponho quatro pontos para reflexão: voltar ao específico da VRC, desenvolver cada vez mais uma espiritualidade encarnada e integradora, exercer a diaconia (serviço) do lava-pés que brota da Eucaristia e ser manifestação da parábola Jesus.

### Voltar ao específico da Vida Religiosa Consagrada

A VRC surge na Igreja como uma “consciência inquieta” diante do Cristianismo que saía das catacumbas e do tempo da perseguição para os palácios e um estilo de vida acomodada. Nasce de uma experiência do Deus de Jesus Cristo como radicalidade evangélica. O que caracteriza a VRC não é sua superioridade sobre outras formas de vida cristã ou o monopólio do que deve ser todo(a) cristão(ã). Os(as) religiosos(as) não são melhores ou superiores aos casados, ao clero diocesano ou aos outros fiéis. São aquilo que todo(a) cristão(ã) deve ser: sinal, profecia, parábola do Reino, seguidor(a) de Jesus Cristo, forma radical de vida etc. O que se pede aos(às) religiosos(as) é o mesmo que se pede a todo(a) batizado(a): que sejam cristãos(ãs) de fato, verdadeiros(as) irmãos(ãs), pautando sua existência pelo amor concreto aos outros.

A VRC existe como uma necessidade antropológica, ou seja, humana. Educação, saúde, arte, esportes dizem respeito a todos. No entanto, necessitamos de um grupo de educadores, sanitaristas, artistas, esportistas que estudem, desenvolvam, aprofundem e se dediquem a esses “bens” humanos, facilitando o acesso para todos. O mesmo se refere à VRC. A experiência de Deus diz respeito a todo ser humano. Todavia, necessitamos de um grupo para desenvolver, explicitar, aprofundar e facilitar a todos o acesso à experiência de Deus, que se concretiza em Jesus de Nazaré.

O essencial da VRC se encontra em ser homens e mulheres de uma profunda experiência do Deus cristão e facilitadores dessa experiência para todos os que queiram explicitá-la. Isso significa ser portadores de uma imagem divina o mais próxima possível daquela revelada por Jesus de Nazaré: um Deus misericordioso e compassivo, carinhoso, terno, amigo, companheiro dos pobres e pecadores, próximo e apaixonado por nós, cuja preocupação é a realização humana e o desenvolvimento de nossas potencialidades. Um Deus desconcertante ao habitar entre os últimos e excluídos do nosso mundo. Um Deus que ri e sorri, se alegra e abraça os pequenos do Reino; bem-humorado, que desde a criação canta sua melodiosa canção de amor eterno pela humanidade. A partir dessa experiência do Deus de Jesus Cristo, os(as) religiosos(as) assumem, como mediação, os votos evangélicos, certas obras de acordo com a necessidade do tempo, certas profissões e, vivenciando uma dimensão da multiplicidade divina – o carisma, procuram ser expressão do Reino.

As obras que expressam o carisma – colégios, hospitais, asilos, creches, paróquias etc. – jamais podem ser tomadas como o carisma, mas como meios para expressá-lo e concretizá-lo. Novos tempos podem exigir reformulações das obras ou mesmo mudanças para outras mediações. No entanto, a VRC não pode perder de vista a experiência de Deus “fundante e nutriente” e seu serviço de facilitar essa experiência para a humanidade.

### *Desenvolver uma espiritualidade encarnada e integradora*

Toda época explicita os desejos humanos e convive com contradições. Na chamada Pós-Modernidade atrelada à economia de mercado, os desejos se situam na linha da estética da moda, do corpo escultural perfeito, dos imediatismos, da vida feliz dentro dos parâmetros de um individualismo consumista exacerbado, da religião do sucesso e de uma existência “leve” sem compromissos definitivos ou muita preocupação. Como frutos do meio, carregamos dentro de nossa VRC desejos genuínos e outros contraditórios com o seguimento de Jesus Cristo. Admitir as contradições, não recusá-las, mas acolhê-las para avançar, pertence à nossa saúde humana e cristã. Constitui-se uma postura de humildade para quem é capaz de admitir suas fragilidades, limitações e pecados em vista da conversão.

O seguimento de Cristo em qualquer época pressupõe a purificação do coração e a reformulação de nossos desejos, sonhos, projetos, ideais e obras. Certas institucionalizações deixam nossos projetos e desejos muito aquém do que realmente deveriam ser e, infelizmente, muitas vezes dentro das Instituições encontramos justificativas para nossa acomodação, para servirmos menos ou vivermos em função de nós mesmos.

A decisão vocacional não se sustenta racionalmente, na base de desejos superficiais ou do desejo dos outros. Menos ainda na cristalização de estruturas. A clareza dos nossos desejos purificados pela experiência do Deus de Jesus Cristo é a saúde da decisão. Nessa purificação ajuda-nos muito o contato com o mundo dos excluídos, dos pobres e dos sofredores. Muitas vezes, purificar os desejos do coração pressupõe fazer outras opções dentro da própria VRC: outras obras, outros desafios, novas posturas, novos métodos etc.

Estamos vivendo um tempo de fragmentação, múltiplas referências, relativismos e pouca consistência nas decisões. São inúmeras as angústias vividas pelo nosso povo. Esta realidade nos pede muita sabedoria, lucidez e discernimento.

Por um lado, exige firmeza, perseverança e radicalidade; por outro, muita criatividade e flexibilidade.

Estando imersos em um período de mudanças rápidas, não podemos simplesmente entrar na moda. Caso contrário, estaremos adaptando o Evangelho e suas exigências ao sabor do passageiro e da massificação. No entanto, a inflexibilidade pode se constituir em um desserviço ao Reino de Deus e à Igreja. Mudanças são necessárias para responder com mais autenticidade aos desafios do tempo, para buscar respostas mais plausíveis para os problemas cotidianos e para assumir com mais profundidade as propostas de Jesus Cristo.

Numa época em que a tecnociência se desenvolveu muito e tudo se realiza de forma rápida, o grande perigo é transferir para o reino da vida – com sua lentidão necessária para a maturação dos processos – o imediatismo da técnica. Resultados rápidos não são duradouros, pois desconhecem a necessidade do trabalho de conscientização, interiorização dos processos de descobertas, construções etc. Tudo demanda tempo, energia, paciência, erros e acertos, revisões, retrocessos, avanços etc.

O imediatismo tem levado ao desencantamento, à sensação de incapacidade e incompetência de muitos. A busca de frutos, resultados, mudanças rápidas das pessoas com quem trabalhamos, das comunidades e estruturas podem levar a grandes frustrações. Esquecemos que o acolhimento do Reino e nossa cooperação na sua edificação acontecem na lógica da parábola do semeador (cf. Mc 4,1-9). Há sempre uma margem de fracasso. Quem busca o sucesso na VRC e no trabalho evangelizador envereda por um caminho de muitas decepções.

O relativismo da sociedade “Pós-Moderna” corre o risco de nos conduzir, homens e mulheres, de uma rica Tradição na Igreja e em nossas Congregações à ditadura da nostalgia. Passamos a imprimir um ar de gravidade, sisudez, conservadorismo em nossas práticas, liturgias e vivências como se o passado fosse melhor. O risco de perder a alegria, a leveza da vida – mesmo pressupondo compromissos sérios, pois não se trata de uma VRC *light* – pode nos fazer esquecer que

a verdadeira Tradição se refere à transmissão viva de experiências, que se renovam sempre para permanecer atuais e adequadas.

Usando a imagem do alpinista, que necessita de apoios para empreender sua tarefa de escalar montanhas, podemos assinalar a necessidade dos ganchos que utilizamos durante nossa caminhada espiritual. Poucos ganchos significam situação de desequilíbrio e perigo. Aludo à necessidade de uma espiritualidade encarnada e integradora das diversas dimensões humanas – física, psíquica, espiritual, social, política etc. –, que são desenvolvidas através da leitura orante da Palavra de Deus, da vida comunitária sadia, da missão pastoral, do lazer, dos tempos de silêncio, retiros, do encontro com o pobre e o sofredor, do cultivo de amizades revitalizantes e outros mais. Quais são os ganchos que sustentam nossa VRC? Trata-se de uma pergunta a que nenhum de nós deveria se furtar.

Se a VRC nasce de uma experiência de Deus e necessita de mediações – ganchos – para nos manter na atitude de caminhada e itinerância espiritual, também é verdade que necessita de cortes. A lógica do Evangelho pressupõe perdas, renúncias, podas, em vista de concentrar nossas energias no essencial. Quando temos muita bagagem ou muitas malas para carregar, caminhamos lentamente e com muita dificuldade. Cansamo-nos com facilidade. No entanto, o essencial se encontra na experiência do *primeiro amor*. Evento do passado, encontro com aquele que está no princípio de nossa vocação, mas jamais um evento passado, ultrapassado. O Deus que nos chama permanece sempre atual.

A constância no projeto de Jesus Cristo, a flexibilidade necessária para encontrar novas respostas criativamente, os ganchos que nos sustentam no desenvolvimento de uma espiritualidade integradora e encarnada, os cortes exigidos como forma de concentração no essencial e o “viver com Cristo” – Primeiro Amor – para poder viver “como Cristo” constituem os eixos fundamentais para nos resituarmos nesse tempo cultural chamado de “Pós-Modernidade” ou de “Modernidade líquida” (Z. Bauman).

### ***Exercer a diaconia na lógica do lava-pés***

A VRC, inserida na cultura do espetáculo, da imagem e das relações e compromissos cada vez mais líquidos e inconsistentes, necessita de uma séria lucidez. Um bom testemunho e serviço pedem de nós a capacidade de ver a realidade (dimensão ativa), muitas vezes utilizando os instrumentais científicos que nos ajudam na compreensão do mundo, e ouvir os apelos do Espírito (dimensão passiva). O lugar onde estamos e a forma como olhamos a realidade condiciona e determina nossa postura e ação. Não raras vezes, olhamos tudo a partir do nosso lugar do sagrado, com ingenuidade e afastamento da vida real das pessoas.

Nossa razão de sermos consagrados(as) se encontra, como já aludi, na experiência do Deus de Jesus Cristo, que nos arrasta ao serviço do seu Reino. O gesto do lava-pés (Jo 13,1-21) acena para o tipo de diaconia que devemos exercer. Primeiro, sair do nosso lugar, despojar-nos das próprias vestes, vestir o avental e descer até os pés dos irmãos e irmãs. Pés calejados pela caminhada da vida, feridos, maltratados e cansados.

Lavar os pés é cuidar daquilo que nos coloca a caminho. Trata-se de ser capaz de entrar em contato com a água suja dos pés do outro, retirar os espinhos da caminhada, curar suas feridas e ajudá-lo a caminhar com os próprios pés. Não sem razão Marcos e Lucas apresentam Jesus e a comunidade cristã inseparável de seu Senhor, como o Caminho. Quem se coloca no nível do menor possibilita que o outro seja ele mesmo. Ministro significa servo. Ministério ou serviço é fazer-se menor. No lugar de buscar *status*, reconhecimento, sucesso, cargos, e portar-se como alguém separado e distante dos demais, o(a) consagrado(a) exerce a diaconia seguindo o exemplo do Mestre: descendo até os pés dos irmãos. “Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13,15).

O(a) consagrado(a) é a pessoa do serviço e do testemunho, da diaconia e martíria. Homens e mulheres, portadores de uma experiência de Deus cultivada e aprofundada no

dia a dia, que os leva sempre mais ao esvaziamento de si para encher-se de Deus. Homens e mulheres de relações. Irmãos e irmãs entre outros irmãos e irmãs. A qualidade de nossa Vida Consagrada será “medida” pela qualidade de nossas relações. Hoje, mais do que nunca, a evangelização se faz pelo contato entre pessoas, pela nossa presença e transparência do Deus apaixonado pelas suas criaturas. Do serviço do lava-pés brota também a santidade a que somos chamados: sermos inteiramente humanos naquilo que fazemos e vivemos. Santidade é levar a bom termo, ao desenvolvimento possível na graça, cada traço de nossa personalidade. Trata-se de desenvolver a gratidão por tanta beleza que existe no mundo, pelas relações gratuitas, pela bondade que existe entre as pessoas, pela partilha entre os pobres etc. A pessoa grata é humilde e santa. Percebe que tudo é dom do Altíssimo e que, sem os outros e as dádivas da criação, simplesmente não é nada.

### ***Ser expressão da parábola Jesus<sup>2</sup>***

Jesus de Nazaré inaugurou, em sua vida, um movimento. Ao escolher os doze, ao enviar os setenta e dois discípulos, ao fazer seus seguidores homens e mulheres de diversas categorias, o Nazareno imprime na história sua marca. Quem é esse homem que provoca reações as mais diversas possíveis: de um lado uma fé incondicional e, de outro, uma incredulidade agressiva?

Jesus nos deixou comunidades vivas, conscientes de serem o novo Povo de Deus, portadoras de uma alegre notícia libertadora que, não raras vezes, como o Mestre, provocaram reviravoltas na sociedade e, por isso, foram perseguidas.

Jesus é uma parábola. A parábola é sempre paradoxal, tem como objetivo dar um choque e fazer as pessoas pensarem e mudarem suas concepções a respeito de Deus, da vida, da religião e da forma de agir. A parábola põe tudo de cabeça para baixo, atravessa nossa maneira convencional de ser e entender tudo. Quer levar à reflexão, incluindo algum elemento “estranho” e de “surpresa” dentro dos aconteci-

2. Baseio minha reflexão no livro de E. SCHILLBEECKX. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

mentos cotidianos. Ela nos força a pensar um pouco mais e superar o sempre sabido, repetido, conhecido e vivido. Ela sacode e inquieta, destranca possibilidades diferentes, oferece novas chances e perspectivas, tem força crítica e prática que incentiva a renovação da vida e da sociedade. A parábola é uma pergunta deixada em aberto.

Jesus é uma parábola e os evangelistas captaram bem essa dimensão de sua existência. Seu modo de ser, viver, pensar, agir e conviver são forças críticas da sociedade teocrática da época, que, em nome de Deus, rotulava e excluía, escondia interesses escusos, “abençoava” e justificava o poder constituído dos sacerdotes, anciãos, doutores da Lei, escribas e fariseus. O contato com Jesus era um choque que questionava tudo e todos. A relação com ele exigia total redirecionamento da vida. Simplesmente não era possível continuar com “odres velhos para portar vinho novo” (cf. Mt 9,17).

A identidade de Jesus consistiu em identificar-se com os necessitados e angustiados, miseráveis e excluídos, a fim de libertá-los dessa situação, devolvendo-os a si mesmos, para serem livres para si, para os outros e para Deus, totalmente humanizados. Como sinal de contradição (Lc 2,34), “homem para os outros” e “Deus para os outros”, continua a nos convidar a nos aproximar de si pela via do “não saber” ou da existência aberta para descobrir o seu significado para nosso tempo.

Diante de uma cultura “Pós-Moderna” que descuida da dor humana e se isola cada vez mais no individualismo, a VRC é convidada a ser expressão da parábola Jesus. Ser manifestação da contradição da sociedade em desacordo com Deus, algo que leve as pessoas a pensar, um choque que ajude a redirecionar a vida, as atitudes, as relações consigo, com os outros, com o meio ambiente e com o Deus Trino.

### **Conclusão**

A revelação de Deus iniciada no Antigo (ou Primeiro) Testamento e levada à plenitude no Novo (ou Segundo) Testamento, não se refere a certas coisas que não saberíamos

e que foram conhecidas, mas a possibilidades para sermos de outra maneira e agir melhor (Juan Luís Segundo). Seguir Jesus Cristo na “Pós-Modernidade” não pode ser capitular diante das exigências do Evangelho para torná-lo mais fácil, assumindo de forma acrítica a cultura, mas nos aproximar de Cristo para ressituar nossa Vida Consagrada.

Para nos tornarmos discípulos(as) do Reino, devemos voltar à história concreta de Jesus de Nazaré: o tempo em que ele viveu, seus desafios, suas decisões, a radicalidade de sua vida, seu projeto de ser humano e de sociedade – o Reino de Deus – e o porquê entregar sua vida. Trata-se de se acercar desse ser humano, Filho de Deus feito homem, para, a partir de sua humanidade, descobrir a palavra dita pelo Pai.

Voltando ao específico da VRC – ser facilitadores para homens e mulheres da experiência de Deus revelada em Jesus de Nazaré, desenvolvendo e cultivando uma espiritualidade encarnada e integradora, exercendo a diaconia na lógica do lava-pés e sendo manifestação da parábola Jesus –, poderemos ser fiéis ao Evangelho, à proposta da VCR e ser uma luz, ainda que pequena, a indicar o Caminho para todos aqueles que queiram se fazer caminhantes.

### **Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Quais são as características culturais do fenômeno chamado “Pós-Modernidade”, além das citadas, que você tem percebido no seu dia a dia?
2. O que você e sua comunidade devem fazer para enfatizar o específico da VRC através do desenvolvimento de uma espiritualidade integradora e encarnada?
3. Concretamente em sua realidade, o que significa exercer a diaconia do lava-pés e ser manifestação da parábola Jesus?



## Olhando para Jesus: aspectos antropológicos

*Vida Religiosa Consagrada no contexto plural:  
identidade, relações, paixão pelo Reino.  
“De olhos fixos em Jesus.”*

PAULO DULLIUS, fsc\*

### \* Irmão Paulo

**Dullius** é lassalista, membro da direção provincial da Província de Porto Alegre, diretor da Formação, diretor do Noviciado, membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB do Rio Grande do Sul e membro da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB Nacional. Formado em Filosofia e Teologia, tem licenciatura e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e doutorado em Antropologia Filosófica pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma. **Endereço do autor:** R. Honório Silveira Dias, 636, São José, CEP 90550-150, Porto Alegre-RS. Tel: (51) 3219-3707. E-mail: pdullius@delasalle.com.br.

### Contextualização

Todo olhar tem sua intencionalidade. No olhar revelamos algo de nosso interior. Em todo olhar entram dialeticamente três aspectos: aquele que olha, o objeto do olhar e o ato de olhar, ou seja, como olhar. Esses três aspectos são importantes. Sempre precisamos ter presente o processo de olhar, mas especialmente os polos: quem olha (aspecto subjetivo) e onde se olha (aspecto objetivo).

A XXII Assembleia Geral Eletiva chama a atenção sobre estes dois polos, subjetivo e objetivo. Nossa tendência é fixar mais o olhar no polo objetivo, ou seja, para onde se olha, qual o conteúdo do objeto do olhar. Em nossa proposta, coloca-se o objeto em Jesus, mas repercutindo na mediação da identidade, das relações, da paixão pelo Reino dentro de um contexto plural.

A presente contribuição quer chamar mais a atenção sobre o polo subjetivo, ou seja, sobre quem olha: quem é aquele que olha, a liberdade interior daquele que olha, os pressupostos para olhar com objetividade, os possíveis obstáculos para olhar objetivamente a realidade externa.

### Pressupostos para fixar o olhar

Nossos olhos refletem nosso interior. Eles podem estar em condições objetivas para ver a realidade. São os olhos sadios. Sadios porque há uma correspondência direta entre aquele que olha e aquilo que olha, ou seja, o objeto ou o conteúdo

do olhar. Em geral, supomos que isso seja sempre a realidade. Todos os setores sociais, ao analisarem a realidade, têm a certeza mais ou menos expressa de que são objetivos, que avaliam a realidade assim como ela é. O mesmo acontece em setores religiosos, de Igreja ou de Vida Religiosa. As interpretações apressadas e moralistas podem partir do pressuposto de que se vê com objetividade. Isso nem sempre é verdadeiro. A história mostra quanta interpretação equivocada, e com funestas consequências. O mesmo vale para os indivíduos. É raro alguém partir da possibilidade de interpretar e de ver de forma parcial ou deturpada. Há os que veem de forma bastante objetiva, transparente. São as pessoas internamente mais livres. Elas olham mais pela janela com vidraças limpas. Outros pensam olhar pela janela, afirmam-no, mas olham mais para seu espelho, a si mesmos, e o afirmam como se fosse olhar a realidade.

Há também os olhos mais feridos, ou seja, com obstáculo de ver objetivamente, devendo ser auxiliados por lentes. Todos sabemos como os olhos físicos e psíquicos podem estar feridos. Os ferimentos podem vir do interior da pessoa, bem como do exterior. Do interior: a psicologia tem dados suficientes para demonstrar que pessoas que precisam enfrentar dificuldades afetivas desde a vida intrauterina e/ou depois podem optar por prejudicar seus olhos para diminuir o impacto negativo do externo negativo. Existencialmente, em seu olhar as pessoas podem mostrar seus ferimentos afetivos. Pode acontecer que interfira em outros aspectos, como a escolha ideológica, as opções sociais, as visões sobre Deus e a Igreja, sobre as interpretações do Evangelho e da realidade. É o que poderíamos chamar de “catarratas” psíquicas ou existenciais. São obstáculos na percepção e interpretação da realidade. Esses obstáculos vêm do interior da pessoa, de sua história, de seu passado, das experiências que viveu até o presente momento. São condicionamentos ou condicionantes de objetividade maior ou menor. Todos somos testemunhas de como pessoas internamente feridas no amor expressam um rosto um tanto sofrido e os olhos revelam certa tristeza ou amargura. Entre nós, religiosos,

isso também pode ser verificado e é um desafio constante em nossos dias para a formação, para a comunidade e para a missão.

Mas os olhos também podem estar feridos por interferências externas ao longo da vida, ou seja, quando ela está exposta a realidades externas difíceis, mais do que pode assimilar, mais do que pode integrar e compreender. Em geral, tais experiências externas reforçam semelhantes vivências precedentes e, com isso, continuam prejudicando a visão. Algumas pessoas – entre elas muitos religiosos e religiosas – passam grande parte da vida fortemente impactadas por experiências negativas, de desamor. Elas acabam quase pensando que o mundo, a realidade se reduz a isso, e acabam tendo uma visão negativa da realidade. Muitos deles chamam a isso de objetividade, mas dificilmente se pode ter a sensação de que Jesus ressuscitou e que há esperança e realidade de ressurreição na realidade e não apenas na Sexta-feira Santa.

Disso tudo se pode crer que a objetividade do olhar e a capacidade de fixá-lo – em Jesus, no caso – requer um mínimo de liberdade interior, de ter experimentado o amor quer físico, quer psíquico, quer espiritual, tanto no afeto quanto na inteligência e nas opções realizadas até o presente momento. Uma pedagogia de humanização ampla vai beneficiar a identidade, as relações e as escolhas mais totais e integrais pelo Reino, segundo a forma de ser, viver e fazer de Jesus Cristo. A espiritualidade por si só não consegue demover os obstáculos dos olhos feridos. Nela se pode perceber, às vezes, o tipo de olho ferido, e outras vezes a espiritualidade pode representar uma fuga e uma tentativa de superação de obstáculos do olhar provindos dos níveis físico e psíquico.

As limitações na capacidade de amar fazem parte da condição humana e não são um mal moral em si. As insatisfações, resultantes da presença do desamor e que interferem no olhar para si e para a realidade, não indicam necessariamente que em primeiro lugar isso é contra o Evangelho de Jesus Cristo, mas é contrário à constituição ontológica ou

antropológica. O desamor está inserido na realidade fenomenológica e na possibilidade decorrente de nossa finitude, através da qual podemos optar pelo fechamento e egoísmo, tanto pessoal quanto social ou comunitário. A distinção entre o amor e o desamor e seu reflexo na visão, compreensão, interpretação da realidade nem sempre é fácil, e podemos chegar ao ponto de solidificar estruturas e instituições com cargas acentuadas de desamor, dando a elas certa legitimidade como sendo traços culturais ou algo parecido.

### *Como olhar com mais objetividade para Jesus e seu Reino*

Após olharmos a ambiguidade do olhar, ou seja, ele pode ser mais livre e objetivo ou menos livre e menos objetivo, precisamos também aceitar que o objeto do olhar pode melhorar a visão. Isso significa que a consciência e o conhecimento de conteúdos evangélicos, religiosos, sociais, pessoais etc. podem ajudar a melhorar os olhos e o olhar. Mas não se pode supervalorizar o poder da realidade como capaz de transformar. A realidade externa positiva proposta e vivida pode modificar a pessoa em proporção relativa ao grau de liberdade ou consistência interior. Dessa forma, a pessoa, seu valor, sua estrutura integral continua sendo um fator determinante como um dos polos do processo de evangelização no contexto plural atual; será importante para se estabelecer e manter uma boa identidade capaz de estabelecer relacionamentos profundos dentro da visão cristã e humana. Nesse sentido, vale a pena novamente recordar que os religiosos hoje precisam empenhar-se mais e mais para ser os mais humanos dos humanos. Humano no sentido da antropologia cristã, ou seja, uma afirmação positiva de todas e de cada aspecto da constituição humana, incluindo, especialmente, a espiritual, como capaz de mover a pessoa a fazer opções pelo estado de vida religioso, colocando esta causa final como a primeira causa e motivadora de tantas outras opções.

Sabemos como continua sendo importante o olhar para Jesus, seu Reino, seu povo, seu sofrimento na realidade. Sa-

bemos também que pessoas e grupos não querem ou não sabem levar a sério uma realidade de desamor que se expressa em tantas formas de violência, solidão, desvalorização e outras mais. Muitas vezes isso repercute nesta cultura *light*, que pode, em parte, representar uma fuga da objetividade.

Juntamente com a apresentação objetiva de Jesus e da realidade, a Vida Religiosa não pode deixar de descurar o polo subjetivo, ou seja, a qualidade daquele que fixa ou deve fixar o olhar. Não podemos – individual e coletivamente – deixar de envidar esforços para limpar os olhos, ou seja, propiciar uma autêntica liberdade interior que repercute na dimensão social e cultural. O olhar pode ser mais objetivo para os indivíduos, bem como para as Instituições. Isso requer um verdadeiro, profundo e contínuo discernimento.

Facilita este olhar objetivo um bom autoconhecimento, seja de sua psicogênese e da conseqüente psicodinâmica, tanto do passado quanto do presente e projetado para o futuro. Desse autoconhecimento partilhado com os demais tem-se consciência de certos limites, o que facilita encontrar alguns caminhos de superação. Dessa forma, também se possibilita um realismo maior em relação às pessoas – religiosos ou não – e em relação à capacidade de transformação social. Ajuda, outrossim, a superar certa onipotência oriunda da projeção da limitação para ideais, até mesmo evangélicos.

Uma justa autoestima, resultante da objetividade daquele que olha – pessoa ou grupo – facilita e dispõe para reencontrarmos motivações saudáveis e maduras que nos permitam olhar e viver no contexto atual plural com amor, com uma boa identidade. Tal satisfação e processo humanizante contribui nos relacionamentos saudáveis e nos motiva a ser mais gratuitos no serviço do Reino. Desse modo, expressamos nossa capacidade de estar *de olhos fixos em Jesus*.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. O que buscamos ao fixar os olhos em Jesus?
2. O que nos impede de ter um olhar límpido e transparente na tentativa de nos configurar ao olhar de Jesus?
3. Qual a linha do nosso olhar: vertical ou horizontal?

## A Vida Religiosa Inserida no mundo afro<sup>1</sup>

JEAN-HÉRICH JASMIN, OMI\*

### Resumo

A partir de uma compreensão empírica da noção de cultura em sua tríplice relação — com a história, com a realidade e com as pessoas — é apresentada uma aproximação da Vida Religiosa Inserida no mundo afro. A realidade dos afrodescendentes, marcada pela história da escravidão e uma primeira evangelização forçada, cria uma consciência coletiva configurada pela percepção das diferenças, pela autonomia e pela resistência às virtudes cristãs. Sobressai a formação de um *éthos* cultural afro, de uma variedade incalculável de mitos e símbolos entendidos a partir das lutas pela liberdade e pela sobrevivência. Por isso, uma verdadeira inserção da Vida Religiosa no mundo afro é possível a partir da formação de comunidades de vida que se dediquem a uma nova evangelização.

Além de sua missão carismático-pastoral na Igreja, a Vida Religiosa hoje se compromete, de uma maneira místico-profética, a facilitar o processo da inserção da Palavra de vida na realidade dos povos. Por isso os religiosos e as religiosas são reconhecidos como testemunhos da vivência dos valores evangélicos em meio aos marginalizados do mundo. Assim, para a Vida Religiosa, a inserção se entende como um compromisso místico-profético a serviço da vida. É a busca de uma experiência com Deus, em um povo particular, e, no caso da América Latina, é uma experiência com Deus no mundo afro. A inserção é uma abertura com docilidade e fidelidade ao amor de Deus, ajudando a Igreja

\* **Padre Jean-Hérich Jasmin** é missionário Oblato de Maria Imaculada, responsável pelo pré-noviciado oblato em Bogotá. É membro do Conselho da Missão Oblata da Colômbia. Pertence à Equipe de Teólogos Assessores da Presidência da CLAR. **Endereço do autor:** E-mail: bakenric@hotmail.com.

1. Tradução da Revista CLAR - Inserción en la Vida Religiosa, n. 2, p. 60-69, abril/junio 2007. Tradução: Áurea Marin Burocchi.

e toda a humanidade a viver para Deus em uma resposta sponsal, que expressa maravilhosamente a comunhão que ele quer estabelecer com suas criaturas (João Paulo II, 1995, n. 2).

A noção de inserção (*in sertare*) abrange a compreensão de uma diferença e de uma assimilação. Diferencia-se no sentido que o “Eu” que fala não é o mesmo “Tu” que escuta e vice-versa. Assimilação no sentido que o “Eu” deve também receber o retorno do “Tu” para crescer humana e espiritualmente. Por isso a inserção vai além de uma adaptação superficial, porque compromete o sujeito e constitui para os religiosos e as religiosas o chamado a “revitalizar todos os atos históricos como passo na obtenção da meta”, que é Deus (CLAR, 1987, p. 103). Assim, conscientizamo-nos de que a nossa esperança revitalizante no Deus da vida é o que mobiliza nosso pensar da fé e nossa reflexão sobre o ser humano em geral e o mundo afro em particular. Partindo dessa compreensão, a Vida Religiosa Inserida é “sair ao encontro de”.

Este artigo propõe dar algumas pistas para uma ação de sair ao encontro dos afrodescendentes como sujeitos emergentes da Vida Religiosa latino-americana. Uma olhada no contexto histórico da primeira evangelização afro na América Latina, uma aproximação à cultura afro, uma valorização dos progressos da Vida Religiosa quanto ao tema afro e às expectativas da mesma constituem o quadro de fundo do presente texto. A metodologia transversal da reflexão é a sugerida pela CLAR para uma análise do processo de inserção da Vida Religiosa na América Latina: o que aconteceu? Onde estamos? Para onde vamos?

### O contexto histórico da primeira evangelização afro

Hoje, não se pode iniciar uma reflexão sobre a vida religiosa no mundo afro sem uma compreensão prévia do processo da primeira evangelização na América Latina. Sem dúvida, não pretendemos fazê-lo de modo exaustivo no

espaço de um artigo, pois vários escritos de autores latino-americanos desenvolveram amplamente este tema (ver a bibliografia). Por isso queremos simplesmente destacar que, depois do “descobrimento” do Novo Mundo – que para muitos dos nossos é o princípio de um caminho da cruz –, surgiram três fenômenos paralelos: a colonização, a escravidão e a primeira evangelização. O que aconteceu?

Em 12 de outubro de 1492, com o desembarque de Cristóvão Colombo e seus companheiros de expedição no Novo Mundo, abriu-se a porta à colonização e à escravidão acompanhada pela cristianização das novas terras. Levados por várias motivações (econômica, comercial, cultural), os conquistadores solicitaram dos Papas bulas para legitimar suas cruzadas. Assim, o rei Afonso V, de Portugal, conseguiu a bula *Romanus pontifex*, do Papa Nicolau V, em 1455. Foi concedida aos portugueses a livre faculdade de combater os inimigos do Cristianismo e de reduzir as populações de seus territórios à escravidão. Os soberanos espanhóis, Isabel e Fernando, obtiveram do Papa Alexandre VI a bula *Inter coetera* em 1493, e várias outras bulas que reconheceram à Espanha a soberania sobre as terras descobertas por Cristóvão Colombo e lhe confiava a missão de evangelizar seus habitantes. A motivação do descobrimento se mistura com o grande desejo de difundir a fé católica.

Sem dúvida, a história da conquista do Novo Mundo não foi tão católica como os colonizadores mostram aos Papas. O sermão de Montesinos, em 1511, atesta o contrário (Comby, 1994, p. 75). Em menos de três décadas, os índios das ilhas tinham quase desaparecido por causa do trabalho forçado, das guerras e das epidemias fulminantes. Como os índios não eram bons escravos, foram substituídos por negros, importados da África desde a primeira década do século XVI. Milhões de negros foram trazidos da África para satisfazer as necessidades econômicas.

Os escravos eram batizados antes de embarcarem para a América, e a evangelização dos escravos foi orientada pelos missionários e, em algumas partes, pela legislação de Colbert\* em 1685. Assim, a evangelização dos negros foi detur-

\* Jean-Baptiste Colbert, ministro de Estado e da economia do rei Luís XIV, autor do Código Negro, que organizou o sistema escravagista indicando os deveres dos senhores e dos escravos, e retirando dos escravos qualquer identidade. Depois do Batismo obrigatório, o africano escravo mudava de nome, abandonava as suas roupas e a sua língua, era marcado com ferro em brasa e destinado ao trabalho servil. (N.E.)

pada pelo tráfico e pela escravidão. O paradoxo da evangelização e exploração simultânea do africano é bem expressa por Carlos Esteban Deive:

A atitude da Igreja diante da escravidão estava oficialmente centrada no seu interesse para que os negros idólatras e pagãos se refugiassem, graças ao doutrinamento e ao Batismo prévios, aos benefícios e consolos do Catolicismo. A coroa partilhou esta posição [...]. Acorrentou-se o corpo do escravo para, em recompensa, oferecer-lhe uma alma para salvar (Rivera, 1990, p. 309).

Foi neste contexto de descoberta, de conquista, de escravidão e de trabalho forçado que se fez a primeira evangelização. Os bispados se fundaram e as ordens religiosas enviaram missionários. O que aconteceu depois? A injustiça e os maus-tratos por parte dos proprietários de escravos, a cumplicidade de alguns missionários, a instrução forçada de noções do Catolicismo, constituem fatores históricos que fizeram com que os negros provenientes da África e, mais tarde, os afrodescendentes, se tornassem impenetráveis às virtudes cristãs. O modo de proceder da primeira evangelização a respeito dos sacramentos, especialmente o Batismo, significou para os negros o rito da perda da sua liberdade e um golpe dado em suas crenças tradicionais. Os conquistadores eram portadores de uma civilização cristã cujas normas eram muito diferentes da dos negros da África (modo de se vestir, monogamia, sentido da propriedade privada), e sua imposição colocou em marcha o choque cultural que desde o início afetou os primeiros esforços de uma inserção da Vida Religiosa no mundo afro, o que ocorreu vários séculos depois.

### *A formação de uma cultura afro*

No início do século XIX, vários países da América Latina e do Caribe se tornaram independentes da coroa espanhola, da Inglaterra e da monarquia francesa, a preço de grandes batalhas. Nessa época, a Vida Religiosa constituiu uma fonte para a renovação de uma Igreja local devastada e contro-

vertida pelas diversas tomadas de posição sobre a escravidão. Além das missões em territórios indígenas, pouco a pouco as comunidades religiosas se estabeleceram em povoados afro da América Latina, para uma continuidade espiritual mais adequada que a dos tempos da escravidão.

Várias comunidades religiosas, nesse processo de inserção, apesar das resistências de alguns de seus membros, se atreveram a ir fundo no assunto afro, até integrar afrodescendentes e mestiços em suas fileiras. Sem dúvida, os missionários no mundo afro tinham se esquecido, talvez, de que todo o processo histórico forja uma cultura. Portanto, para entender a cultura afro, é necessário abordá-la na sua tripla relação: (1) a relação com a realidade; (2) a relação com os homens na história; e (3) a relação com a natureza e as pessoas, transcendida pela realidade última, que é Deus (Vela, 1997, p. 14). Uma busca de inserção sem essas relações fica inacabada. É preciso alcançar a zona dos valores culturais fundamentais para suscitar uma conversão que possa ser base e garantia da transformação das estruturas e do ambiente social.

A noção de cultura quanto ao mundo afro e nesta tripla relação indicada anteriormente se resume na compreensão empírica pela qual “a cultura é um conjunto de significações e valores que formam um determinado modo de vida” (Lonergan, 1988, p. 9).

A cultura compreende, assim, as formas pelas quais aqueles valores ou desvalores se expressam e configuram, isto é, os costumes, a língua, as instituições e estruturas de convivência social, quando não são impedidas ou reprimidas pela intervenção de outras culturas dominantes (Puebla, 1979, n. 387).

A cultura afro se constitui de ritos, símbolos e valores comuns, frutos de uma história que só a análise hermenêutica da mesma daria as chaves para a sua compreensão no quadro da Vida Religiosa Inserida. A história da escravidão na América oferece um interesse maior para a compreensão da situação atual do mundo afro. As guerras entre as tribos na

África, o comércio humano entre os poderes mundiais da época, a travessia desumana da África ao Novo Mundo e a seqüela da escravidão explicam o comportamento socio-cultural e religioso dos(as) afrodescendentes. Essa história, de um passado triste que os(as) afrodescendentes devem superar, cria neles uma consciência coletiva ou umas atitudes primárias, tais como: matar para sobreviver; queimar para conseguir liberdade; fugir para ser livres. Enfim, eles creem que todo o mundo é uma selva, onde a regra é o *salve-se quem puder*.

### *Consciência coletiva e éthos cultural afro*

A consciência coletiva de um povo tem a ver com os sistemas partilhados de percepção e organização do mundo. Tal percepção do mundo se evidencia através da cultura. Na sua relação com a consciência coletiva, a cultura compreende, por isso mesmo, as formas pelas quais aqueles valores ou desvalores se expressam e se configuram, ou seja, os costumes, a língua e as estruturas de convivência social, quando não são impedidas ou reprimidas pela intervenção de outras culturas dominantes (cf. Puebla, 1979, n. 386b). Assim, percebe-se em todas as comunidades afrodescendentes algumas propostas de cultura, para que sejam percebidas no meio da diferença; de territorialidade, para exercer seus direitos como dons legítimos de seu território e seus recursos naturais; de autonomia, para decidir por si mesmos sobre o que fazer no futuro; e de etnodesenvolvimento, para aceder aos benefícios da riqueza nacional e contribuir de acordo com a sua particularidade.

Os valores que fortalecem o mundo afro constituem sua cosmovisão, que liga a natureza, a terra, as árvores com o homem em uma relação espiritual. A consciência coletiva afro prova que somos parte da natureza e a proteção do meio ambiente é para o bem de todos. As pessoas e a natureza estão estreitamente unidas e os(as) afrodescendentes creem que nela (a natureza) estão presentes “energias, espíritos”, uns bons, que vêm de Deus, e outros maus, que

vêm do diabo. Existe uma medida, um equilíbrio em tudo. A história permitiu aos(às) afrodescendentes adquirir um nível de consciência progressivo até crer em sua força de mudança.

Os desvalores que debilitam o mundo afro são as sequelas da primeira evangelização, que criam uma consciência de rejeição do Catolicismo, ou se dizem católicos, mas praticam suas crenças em segredo. Os desvalores são: o sincretismo, a superstição, a desconfiança diante do novo ou do de fora etc. Várias comunidades afro se fecham em si mesmas e tornam lento ou às vezes difícil o encontro com outras culturas. Aí podemos falar de uma inconsciência coletiva, ou seja, essas comunidades ainda não estão conscientes das pedras à espera para sua relação com o outro e com a transcendência. A vontade de humanizar o mundo e o esforço de acolher e rejeitar desvalores são latentes em algumas comunidades afro.

Obviamente, a consciência cultural afro tem a ver com o processo histórico da escravidão, e forma o que se chama de *éthos* cultural afro. O *éthos* cultural de um povo consta de mitos e símbolos. Mitos no sentido de uma explicação da realidade, ou seja, uma resposta a uma pergunta que se fez. Símbolos no sentido de portadores de sentidos e significados, uma imagem cheia de significação e valores que refletem o estilo de vida desse povo. Então, o *éthos* cultural afro está composto de uma variedade incalculável de mitos e símbolos que o tornam difícil de definir. Sem dúvida, com o direito de equivocarme, atrevo-me a dizer que o *éthos* cultural afro se entende a partir de sua constante luta pela liberdade e pela sobrevivência. Assim se valoriza a solidariedade e as alianças em favor da vida. No caso particular de algumas populações afrodescendentes (Brasil, Haiti, Palenque), os fenômenos religiosos tais como o vudu, o lambalu, ou ritos de morte, mostram a composição do *éthos* cultural afro. Infelizmente, a luta do Catolicismo contra todas as religiões tradicionais da época provoca muitos abusos e intolerâncias.

### *Para uma revitalização da identidade afro*

Uma inserção no mundo afro tem a ver com tudo o que expusemos anteriormente. Então perguntamos: onde estamos no caminho de inserção da Vida Religiosa no mundo afro? Nesse processo, descobrimos que somos um só continente, com uma só fé, porém diferentes no que se refere às práticas, às culturas e às crenças. Em vez de a pluralidade constituir uma barreira entre os povos, a Vida Religiosa latino-americana pensa que devemos tomar consciência de que estamos tratando com outros em uma relação Eu-Tu dialética. Assim, aos poucos estamos entrando no plano de uma consciência religiosa diferenciada e não fragmentada que nos leva a revitalizar a dimensão afro da Vida Religiosa.

Com uma consciência religiosa diferenciada, não só dominaremos mais campos, como também compreenderemos as pessoas para quem esses campos são familiares e superaremos ressentimentos (Lonergan, 1988, p. 265). A consciência religiosa diferenciada só está ao alcance de uma Vida Religiosa místico-profética que favorece um pluralismo na expressão de uma mesma opção fundamental e uma compreensão de que a multiplicidade não é uma barreira para que uma mesma fé seja expressada. Porque, se o Evangelho deve ser pregado a todas as nações, não deve ser pregado a todas de uma mesma maneira. Para se comunicar com pessoas de outra cultura, deve-se valer dos recursos dessa cultura (Lonergan, 1988, p. 291). *Puebla* (1979, nn. 315-316) nos diz que

é grave obrigação nossa proclamar, diante dos irmãos da América Latina, a dignidade que a todos, sem distinção alguma, lhes é própria e que, sem dúvida, vemos pisada tantas vezes de forma extrema.

Assim, pois, ao nos colocarmos no campo de uma consciência religiosa diferenciada, somos convidados a trabalhar pela revitalização da dimensão afro na Vida Religiosa latino-americana. No âmbito da pastoral vocacional, essa dinâmica nos pede que passemos do processo de desarrai-

gamento das primeiras vocações afrodescendentes a uma espécie de oficina de inserção dos jovens afrodescendentes que chegam às nossas comunidades. A Vida Religiosa deve levar os afrodescendentes a valorizar essa identidade que os faz diferentes, assumindo as características da mesma, enfocando-a, a partir da fé cristã, com a força do Espírito Santo.

Continuando, um esforço até a valorização da identidade do outro faz parte do mesmo chamado a ser profetas e místicos na Vida Religiosa hoje. É hora de se fazerem, por graça de Deus, anunciadores (*Nabiim*), voz da Boa-Nova de salvação no mundo afro. Para nós, religiosos e religiosas, nossa missão hoje consiste em transmitir com fidelidade e o maior amor o que Deus mesmo disse, interpretar com autenticidade o que ele quer comunicar ao mundo afro. Ademais, a Vida Religiosa no mundo afro deve ser místico-profética, manifestando-se como uma interpretação da ação de Deus. Mística no sentido de levar os afrodescendentes a uma leitura de fé da sua realidade, descobrindo Jesus, que liberta da opressão. Profética no sentido do anúncio de uma reintegração social e religiosa dos afro.

No processo do despertar cristão na cultura afro, a Vida Religiosa latino-americana está consciente do grande progresso feito. Hoje contamos com um grande número de afrodescendentes nas comunidades religiosas (masculinas e femininas). Para muitos deles, a Vida Religiosa Inserida é testemunha de que um mundo novo é possível. Lembro-me muito do fato que uma religiosa contou: para ela, o maior milagre que fez como provincial foi acolher a primeira postulante afro-colombiana em sua comunidade. Ela disse que depois de mais de trinta anos de trabalho com as jovens afrodescendentes se perguntou porque não podiam fazer parte de seu modo de vida. Por isso se atreveu a admitir uma afrodescendente ao postulante de sua comunidade.

Hoje, nas conferências religiosas, se fala que a inserção no mundo afro se faz a passo lento, porém não se fica parado. Um exemplo inspirador de um processo de inserção no mundo afro é o trabalho que está fazendo a Diocese de Quibdo, na Colômbia, desde 2002: uma pastoral a serviço

da vida que se estende tanto no âmbito diocesano como no religioso. A presença dos religiosos e das religiosas na região de Chocó, no meio do panorama de miséria, de exclusão e de conflito social, agravado pelo conflito armado, procura apoiar as comunidades afrodescendentes e indígenas na luta para superar as condições de miséria e de dependência que têm sofrido na história. Trata-se de uma tarefa de resgate das tradições cristãs do povo e de inculturação das novas formas de responder tanto às necessidades de fé do povo como às suas necessidades vitais.

### *Expectativa da Vida Religiosa no mundo afro*

O que chamamos aqui de expectativas são, na realidade, algumas respostas para a pergunta: o que nos falta quanto a uma Vida Religiosa Inserida no mundo afro? É a expressão de nossa esperança de que suceda uma verdadeira inserção revitalizadora. Nossa fé em um Deus fonte e defensor da vida, imerso na história dos povos, nos leva a optar por uma celebração da vida no mundo afro. O que sonhamos no âmbito da Vida Religiosa latino-americana e caribenha é construir um modelo de sociedade onde se valorizem a diversidade e o respeito à vida e aos direitos dos povos. É um trabalho difícil, porém não impossível. Por isso, para uma Vida Religiosa Inserida e que produza frutos no mundo afro, cremos que nos falta fortalecer os seguintes elementos:

#### Fomentar uma inserção inculturada

Uma inserção inculturada é

a encarnação da vida e da mensagem cristã em uma área cultural concreta, de forma que não só essa experiência se expresse com os elementos próprios da cultura em questão, como ainda essa mesma experiência se transforme em um princípio de inspiração, como norma e força de unificação, que transforme e recrie essa cultura, estando assim à origem de uma nova criação (Padre Arrupe, 14.5.1978, cit. Comby, 1994, p. 213).



Nessa mesma linha, a Vida Religiosa Inserida no mundo afro consiste na recuperação das pedras do caminho na tradição afro, como dados para a evangelização; em saber assumir no sentido de uma recuperação crítica para o enriquecimento mútuo das pessoas e dos grupos sociais.

Somente uma Vida Religiosa Inserida e inculturada pode levar o povo afro a uma fé a partir de sua vida quotidiana e de seus acontecimentos histórico-sociais. Não se trata de ser como os(as) afrodescendentes, mas de estar com eles, em uma pastoral de presença que implica permanecer com eles e em transcorrer a vida no processo de se fazer cristãos juntos (Trigo, 1995, p. 91). Então, a Vida Religiosa deve concretizar no mundo afro a misericórdia de Deus, o amor de Cristo doador de vida e a força do Espírito Santo para brotar mais vida no processo da inserção e viver mais intensamente a sua vocação diante das situações concretas de nosso continente.

### Descobrir a ação de Deus na realidade afro

Descobrir os significados e valores da cultura afro e praticar uma inserção inculturada não é somente aplicar o Evangelho analogicamente a uma situação do mundo afro. É, antes, ler em sua situação-história a revelação de Deus que de fato está acontecendo. O Evangelho lido a partir da situação-história dos afro a irradia de novos resplendores. Também a situação-história lida a partir do Evangelho leva a uma profunda transformação de vários de seus elementos culturais. Isso pressupõe que o religioso-missionário ou a religiosa-missionária deve estar consciente do modo como Deus está comunicando sua intimidade sobre o ser humano e a intimidade do mesmo, ou seja, sua vontade, que é propriamente o ato criador contínuo.

A situação-história dos afrodescendentes foi tecida em uma dialética de vida ou morte. Por isso, a única via real para a cura do interior da realidade afro é Jesus Cristo libertador. Como disse Karl Barth, “a vida dos homens é hoje difícil e complicada em toda ordem das coisas”. Assim, para

ele não existe uma via, uma ação, uma obra que por mérito humano conduza a Deus. A única via real é Jesus Cristo caminho, ressurreição e vida (Barth, 1998, p. 49). Devemos recordar que o simplismo na interpretação das crenças dos afro precisa ser evitado. Não se trata simplesmente de danças alegres nem de objetos do folclore, existe toda uma filosofia, um *éthos* cultural que produz crenças, significados e valores, que circulam sob essa filosofia. Por isso, o convite é para se constatar o processo de evolução na cultura afro e saber evangelizá-la desde o início.

### Estabelecer comunidades de Vida Religiosa que se notem

Formar comunidades de vida que sejam notadas é uma missão conexas à missão da Igreja de ser semeadora da Palavra. Com vistas a uma Vida Religiosa Inserida no mundo afro, é necessário estabelecer comunidades que se notem tanto pelo seu testemunho como pelo seu compromisso evangélico. Lonhfink diz a propósito:

[...] o projeto histórico de Jesus pelo Reino durante sua vida e ação terrena [...] se focaliza na criação de uma comunidade de contraste, de alternativa diante do mundo (De Roux, 1988, p. 307).

Este projeto básico de Jesus se completa ainda melhor na medida em que começa a se realizar no círculo dos discípulos com os quais vai se formando a nova família (a Igreja) segundo a vontade de Deus. Uma comunidade de vida que se nota como uma sociedade de contraste constitui seu próprio espaço vital em comunhão: vive e convive de forma distinta do resto do mundo. Não predominam nela as estruturas de violência e dos poderes do mundo, mas a reconciliação e a fraternidade. A viabilidade histórica deste programa de vida comunitária, sintetizado por Mateus no Sermão da Montanha (Mt 5,3-12), somente pode ser compreendida a partir da realidade libertadora e salvadora do Reino de Deus que já está se realizando entre nós e a partir da práxis dessa

mesma comunidade de vida, onde os membros se ajudam reciprocamente.

No mundo afro, uma comunidade de Vida Religiosa que se nota confirmará que a salvação-libertação de Deus chega a todos através do testemunho, e que a sua força de atração põe em movimento a peregrinação das nações para integrar-se nela ao âmbito do Reino. *Puebla* (1979, nn. 272-273) diz:

Cada comunidade eclesial deveria esforçar-se por constituir para o Continente um exemplo de modo de convivência onde logrem reunir-se a liberdade e a solidariedade. Onde a autoridade se exerça com o espírito do Bom Pastor.

### Favorecer uma nova evangelização

A nova evangelização foi proposta na América Latina como resposta diante dos problemas sociais que representam um divórcio entre a fé e a vida, até produzir clamorosas situações de injustiça, desigualdade social e violência. Para a sua viabilidade, esta nova evangelização deve ser: (1) nova em seu ardor; (2) nova em seus métodos; (3) nova em sua expressão. Dito de outra forma, a mensagem evangélica deve estar em sintonia com a mentalidade e a cultura dos ouvintes, porque a ação de Deus através de seu Espírito se dá permanentemente no interior de todas as culturas. Por isso, cremos que no quadro de uma Vida Religiosa Inserida no mundo afro a reconciliação com o passado, a aceitação de sua identidade e a construção de uma nova esperança podem ser o ponto de partida de uma nova evangelização. A Vida Religiosa apresentará, assim, ao mundo afro, uma Igreja-comunidade que leva em conta o contexto situacional nas diversas áreas pastorais, uma Igreja sinal de reconciliação e portadora de vida e esperança que brotam do Evangelho (cf. *Santo Domingo*, 1992, nn. 23-24).

No fim das contas, uma nova evangelização no mundo afro pressupõe a promoção de uma mudança interior profunda e uma cura histórico-social. Em seu zelo pelo Reino,

os religiosos destinados ao mundo afro devem privilegiar o conteúdo da nova evangelização (Jesus Cristo) sem se descurar do sujeito, que é toda a comunidade eclesial.

A nova evangelização tem como finalidade formar homens e comunidades maduras na fé e dar resposta à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade (*Santo Domingo*, 1992, Parte II, cap. 1, n. 26).

É necessário que se façam discípulos e missionários para amadurecer a fé na América Latina e responder aos desafios atuais.

### Bibliografia

- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como hacer Teología de la Liberación*. 2. ed. Bogotá: Paulinas, 1986.
- CLAR. *Hacia una vida religiosa latinoamericana*. 2. ed. Bogotá, 1987.
- COMBY, Jean. *Para comprender dos mil años de evangelización*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1994.
- CELAM. *Puebla; la evangelización en el presente y en el futuro de América Latina*. 3. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Síntesis de los aportes recibidos para la V Conferencia*. Bogotá: Ed. CELAM, 2007. nn. 35-36.
- IRIARTE, Gregorio; ORSINI, Marta. *¿Qué de nuevo nos trae Santo Domingo?* Cochabamba: CAEP, 1993.
- JOÃO PAULO II. *Carta às mulheres*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/letters/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women_po.html)>.
- RIVERA PAGÁN, Luis Niera. *Evangelización y violencia; la conquista de América*. San Juan (Puerto Rico): Ed. CEMI, 1990.
- DE ROUX, Rodolfo Eduardo. *Recensión del libro de Lonhink. Theologica Xaveriana*, Bogotá, n. 88, p. 307, julio/septiembre 1988.
- TRIGO, Pedro. *Consagrados hoy al Dios de la vida*. Santander: Sal Terrae, 1994.
- VELA, Jesús Andrés. *Relación evangelización y cultura; problemas en nuestra sociedad moderna, neoliberal y capitalista*. Bogotá: Paulinas, 1997.

***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Como sua comunidade vive a dimensão da inserção no específico do próprio carisma?
2. Por que é importante não perdermos de vista os valores da cultura afro no concreto de nossas ações sociais e eclesiais?